

PARA COZINHAR... :

AS PANELAS

DA CERÂMICA

PAULISTA*



DOSSIÊ

FRANCISCO SILVA NOELLI**, MARIANNE SALLUM***

Resumo: *a panela da Cerâmica Paulista foi produzida e preservada por mulheres durante cinco séculos, como uma opção significativa de transmissão do conhecimento e autonomia. Trata-se de uma manifestação criada e transformada por diferentes mulheres que conectaram conhecimentos e ontologias de tempos e lugares diferentes. Os elementos para a sua definição são apresentados, aplicando alguns fundamentos do método desenvolvido por José Brochado para investigar morfologia e função, visando estabelecer parâmetros métricos para reconstrução gráfica do perfil a partir de fragmentos de vasilhas cerâmicas. Foram analisados os atributos de 71 peças, incluindo inteiras e semi-inteiras, além de fotos, desenhos e croquis publicados. A conclusão é que a maioria das panelas encontradas no sudeste de São Paulo e nordeste do Paraná não são cópias, mas variações morfológicas de uma forma elipsoidal restringida. Tanto a morfologia, como os tratamentos de superfície, sugerem que a Cerâmica Paulista resultou da transformação de tecnologias da cerâmica comum portuguesa pelas mulheres Tupiniquim e, posteriormente, por outras pessoas, articulando continuamente elementos e ressignificando as práticas, o que permitiu a sua persistência até o presente.*

Palavras-chave: *Cerâmica. Indígenas. Paneleiras. Colonial. Persistência. Arqueologia. Reconstrução gráfica.*

* Recebido: 03.03.2020. Aprovado: 06.09.2020.

** Doutorando em Arqueologia, bolsista FCT e Pesquisador no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq), Portugal. *E-mail:* franciscoelli@edu.ulisboa.pt

*** Pós-doutoranda, bolsista FAPESP no Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente (Levoc) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), Brasil. Pesquisadora no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq), Portugal. *E-mail:* marisallum@usp.br

se não forem estabelecidas relações entre as manifestações arqueológicas e as populações que as produziram, o mais importante terá se perdido
José Brochado, 1984, p. 1

As vasilhas criadas no século XVI, no contexto colonial do sudeste da Capitania de São Vicente, vêm sendo feitas até hoje. Deste conjunto, apresentaremos as panelas cerâmicas produzidas inicialmente nas comunidades agroflorestais e usadas por diversos estratos sociais. Na maioria das casas, elas foram usadas juntamente com vasilhas de madeira, cuias e cabaças, e nas residências mais abastadas elas somavam com as vasilhas importadas, industrializadas na Europa e na Ásia (HORA *et al.*, 2020; MANFRINI, 2020; NOELLI, SALLUM, 2020; MAGRINI, 2019; MUNSBERG, 2018; ZANETTINI, WICHERS, 2009; ZEQUINI, 2006; ZANETTINI, 2005; SCHEUER, 1967, 1976). Trata-se de uma manifestação de gênero dedicada a possibilitar autonomia em qualquer sentido, criada e produzida por mulheres que estabeleceram genealogias de conhecimentos e práticas que conectaram tempos e lugares diferentes. De um lado, foram escolhas tecnológicas que resultavam em determinadas morfologias e atributos, cujos princípios foram reconhecidos em uma etnografia das ceramistas de comunidades paulistas e paranaenses: elas tinham “tenaz apego às formas tradicionais”, com “uma motivação espiritual. Conscientes da tradição, permanecem fiéis a ela, transmitindo o saber da mesma maneira” (SCHEUER, 1976, p. 6). De outro lado, pode-se dizer que a memória delas dependeu dos sentidos, e os sentidos dependeram da materialidade, pois cada percepção sensorial é cheia de recordações, permitindo que o presente coexista com vários passados coletivos e concretos (HAMILAKIS, 2013). O uso e a evocação constante das panelas era compartilhada, como uma “vontade de não esquecer” e “prática da memória mantida diariamente pelas mulheres”, como nas aldeias Tikmũũn (MAGNANI *et al.*, 2020), ou como uma das técnicas de circulação da memória entre os Tupiniquim e Tupinambá (CARNEIRO DE CUNHA; VIVEIROS DE CASTRO, 1985), e uma “memória do futuro” (SZTUTMAN, 2005).

A produção foi fruto da relação entre as Tupiniquim e os portugueses, continuou nas gerações descendentes e pelas que vieram de fora e que se integraram às comunidades agroflorestais do sudeste do Estado de São Paulo e nordeste do Paraná (SALLUM; NOELLI, 2020). Nesse sentido, a Cerâmica é Paulista porque as Tupiniquim, as suas descendentes com os portugueses e as pessoas que vieram de fora, ficaram conhecidas desde o século XVII como as de “São Paulo” e “Paulistas”. Essas pessoas, como sugeriu Monteiro (2001), jogaram com a sua identidade, ora se aproximando dos portugueses, ora dos indígenas, atuando estrategicamente para lidar com o colonialismo, com a recusa em ser governados, mesmo quando cativos, manifestando a atitude crítica, tal como sugere Foucault (1990). O apagamento que a burocracia colonial promoveu a partir do século XVIII, deixando de citar o etnônimo Tupiniquim, não reflete a realidade, pois as pessoas se reconheciam como paulistas e, simultaneamente, como caiçaras, caipiras etc.

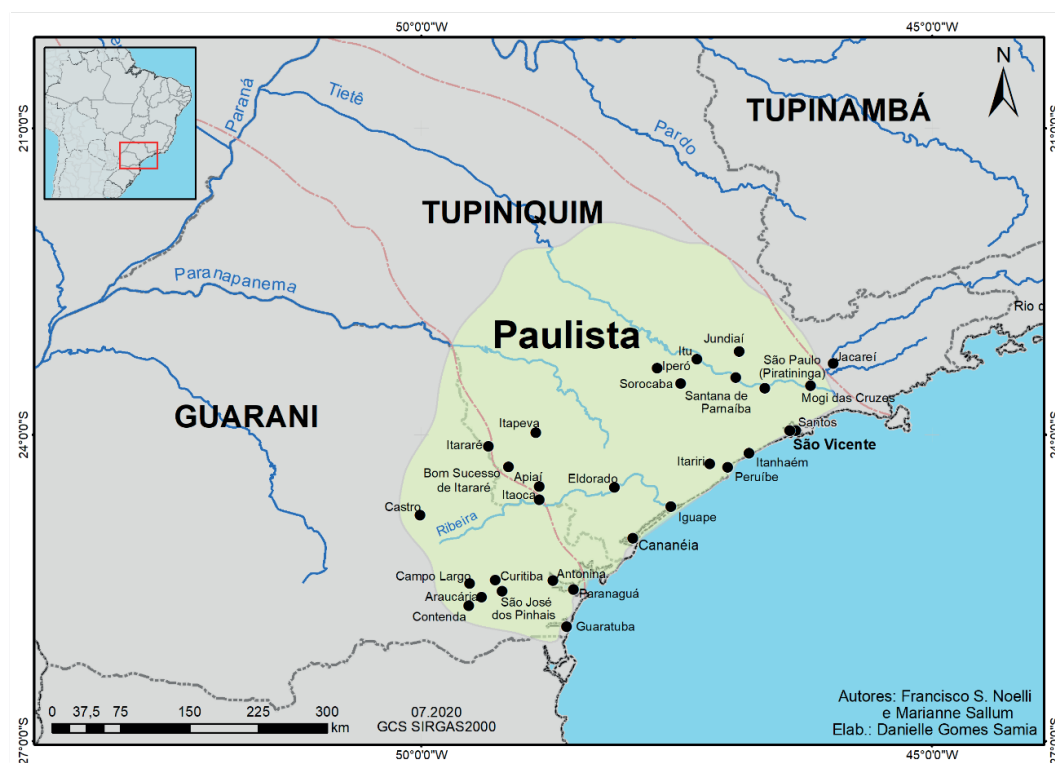
A produção foi uma prática persistente que englobou tanto a reprodução tecnológica como as variações estilísticas ao longo do tempo. Isso precisa ser investigado em cada lugar, para compreender como se articularam as diferenças entre as pessoas que vieram de fora, como africanos e outros europeus a partir do século XVIII. Portanto, consideramos que essa cerâmica resultou de relações ocorridas em território, contexto histórico e social específicos que podem ser mapeados e ter seus processos históricos definidos. Essa prática

2

persistente não pertencia a uma entidade homogênea, como uma escola formando ceramistas com técnicas padronizadas. Antes, nos parece mais como uma estrutura de conhecimentos que legavam às ceramistas uma genealogia com um amplo leque de escolhas tecnológicas que resultava em vasilhas cuja morfometria e aparência produziu mais diferenças que semelhanças, a tal ponto que a diferença torna as vasilhas semelhantes. O que percebemos até agora é que as panelas e suas variações possuem uma trajetória, pautada por escolhas, ressignificações, conhecimentos e domínio da prática de cada mulher.

As fontes mostram que os conjuntos de vasilhas cerâmicas serviam primeiro ao uso familiar e eventos comunitários, sugerindo que o início da comercialização foi apenas no final do século XVII ou começo do XVIII, quando as diferenças entre os assentamentos ficaram mais marcadas, distinguindo-se as comunidades agroflorestais dos núcleos urbanos que recebiam imigrantes europeus e das “plantations” com mão de obra de africanos escravizados. Desde meados do século XX a maioria da produção foi destinada ao comércio, passando a ser consumida também como artesanato.

As panelas começaram a ser produzidas no litoral sul, território inicial da expansão colonial que partiu de São Vicente no século XVI (Figura 1). E foram sendo produzidas aonde frações dos paulistas se engajaram para consolidar o sistema colonial português, com muitos deles assentando-se com suas famílias e afins nos lugares conquistados. Começou pelo Rio de Janeiro na segunda metade do século XVI, no contexto da expulsão dos franceses. A partir do século XVII, instalaram-se no vale da Ribeira do Iguape e nordeste do Paraná (foi parte de São Paulo até 1853), de onde passaram para o sul de Guaratuba, desde São Francisco do Sul até Laguna, de onde foram ao Rio Grande do Sul. No século XVIII, consolidaram posição em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e alguns lugares da Região Nordeste.



3 Figura 1: Área da Cerâmica Paulista

OBJETIVO E A HOMENAGEM

Este artigo é um resultado parcial de uma busca calcada em diversas perspectivas para examinar a trajetória das vasilhas ao longo de sua jornada, para compreender “os caminhos pelos quais pessoas e objetos interagem” (SHERIDAN, 2018, p. 9). O nosso pressuposto é considerar as panelas como um conjunto tecnológico produzido com práticas e memórias persistentes. As consideramos também como o resultado de escolhas geracionais que articularam práticas antigas e recentes, com a continuidade de padrões tecnológicos que se mantiveram interrelacionados com as novidades e mudanças culturais e identitárias (SILLIMAN, 2009; MROZOWSKI, GOULD, PEZZAROSSO, 2015). A continuidade foi sendo “trabalhada” na prática das relações dinâmicas entre indivíduos, comunidades e objetos (JOYCE; LOPIPARO, 2005). Nesse sentido, melhor que a noção de continuidade, a persistência explica “a rearticulação intencional de certas práticas e identidades diante de realidades econômicas, políticas e sociais novas... conectando passado e presente numa dinâmica, mas inquebrável trajetória” (PANICH; ALLEN; GALVAN, 2018, p. 11-12).

A partir desses princípios, escrevemos este artigo para comemorar o trigésimo aniversário do livro “Cerâmica Guarani”, uma de nossas fontes de inspiração. Mas também homenagear os seus autores, Fernando La Salvia e, especialmente, José Proenza Brochado, pela criação de um método para analisar a relação entre forma e função das vasilhas produzidas pelas ceramistas Guarani. A proposta inspirou inúmeras pesquisas, em diversos contextos, tanto entre os demais Tupi, como entre outros povos indígenas e em diversas comunidades de produção cerâmica.

Brochado identificou na padronização das morfologias o princípio estrutural para explicar a semelhança e diferenças entre os conjuntos cerâmicos, inspirado pelos linguistas que estabeleceram a relação genética entre as línguas do tronco Tupi (RODRIGUES, 1964; 2005; 2007; LEMLE, 1971). De um lado, ele definiu os elementos compartilhados pelas Guarani e Tupinambá (BROCHADO, 1980, 1984, [1979] 1991a, 1991b). De outro, usou a referência do desenvolvimento histórico das línguas para fundamentar a sua crítica ao modelo vigente da arqueologia brasileira na década de 1980. Ele sugeriu haver “grandes diferenças na cultura material que nós ignoramos”, por causa da reprodução acrítica do erro estabelecido por Alfred Métraux (1928): a “concepção equivocada de que as cerâmicas Guarani e Tupinambá eram iguais ou muito parecidas” (BROCHADO, 1984, p. 40, 53, 299-302, fez um inventário das diferenças entre elas). Brochado mostrou que o mister da investigação da cerâmica na arqueologia brasileira reduzia-se ao identificar e comparar antiplástico e tratamentos de superfície chamados de “Tupiguarani” (NOELLI, 2008), o que servia apenas para mostrar presença/ausência de tais elementos e fazer porcentagens da ocorrência de tipos de tratamentos de superfície e decorações.

Na atualidade, diríamos que Brochado centrou sua investigação para compreender as escolhas tecnológicas das ceramistas e definir para quais funções as vasilhas eram produzidas. Em uma direção inovadora, ele se inspirou na linguística histórica comparada para formular uma explicação orgânica, próxima dos parâmetros da antropologia americanista, considerando que as tecnologias do presente foram desenvolvidas por um ancestral comum, a partir do qual tiveram histórias separadas e que, eventualmente, se reencontraram após longo tempo, como no caso dos Guarani e Tupinambá (BROCHADO, 1984). Era uma perspectiva alinhada

com as sugestões dos linguistas dos povos Tupi, inspiradas por uma concepção semelhante ao modelo de Rodrigues (1985, p. 34), “de que as línguas em questão sejam manifestações diferenciadas do que foi no passado uma mesma língua e que as propriedades compartilhadas sejam a herança comum conservada sem diferenciação ou apenas diferenciações menos profundas”. Nessa perspectiva, as reconstruções linguísticas têm por hipótese que há cerca de 5 mil anos se usava cerâmica, pois desde o Proto-Tupi há definição para “panela”, além de diversos conceitos relativos ao manejo agroflorestal, plantas alimentícias e seu processamento (RODRIGUES 2005, 2007, 2010). A Tabela 1 mostra as reconstruções dos étimos “panela” e suas variações agrupadas em 7 famílias das 10 linguísticas:

Tabela 1: Reconstrução do étimo panela

Proto-Língua	Panela
Proto-Tupí	**waʔẽ
Famílias\língua	
Juruna\Juruna	waʔẽ
Munduruku\Munduruku	waʔe
Awetí	taʔẽ
Tupí-Guaraní	jaʔẽ
Tuparí	waʔẽ
Ramaráma\Káro	maʔẽ-káʔ
Mawé\	maʔã

Fonte: Rodrigues (2007)

Um outro fundamento do método é definir a relação entre as morfologias e suas funções, concentrando-se na análise de vasilhas inteiras e semi-inteiras e, quando possível, nas informações históricas que lhes definem e contextualizam. Ele abriu um caminho considerando que os dados históricos, linguísticos e etnográficos possuem valor similar ao registro arqueológico, na esteira de suas investigações anteriores sobre a função das vasilhas na alimentação (BROCHADO, 1977, [1979] 1991b). No *Cerâmica Guarani* encontramos os princípios para identificar funções e compreender a padronização. A padronização (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 156) estaria dentro de uma estrutura onde seria “quase impossível querer isolar a forma de utilização”, considerando que se produz para um uso específico e que “ninguém produz por produzir”, resultando em morfologias que não eram aleatórias devido ao compartilhamento de conhecimentos que replicariam os padrões tecnológicos entre as gerações.

O estudo de vasilhas inteiras através de imagens e nas coleções arqueológicas, históricas e etnográficas define os parâmetros para caracterizar a morfologia, estabelecendo modelos de referência para a pesquisa diminuir a margem de erro na reconstrução gráfica a partir de fragmentos de borda. Assim, Brochado (1984, p. 83, 263) desenvolveu uma proposição da sua tese de doutorado, baseada na análise de fotografias e desenhos publicados de mais de 400 vasilhas inteiras:

As formas das vasilhas terão mais importância nas comparações cerâmicas do que é, por exemplo, considerado como decoração ou tempero. Como as formas das vasilhas estão mais intimamente ligadas à preparação de alimentos, à distribuição ritual e ao consumo, elas não mudariam tão facilmente quanto, por exemplo, a decoração. Posso afirmar, sem medo de contradição, que há sempre uma relação funcional entre o conjunto de formas de vasos de uma determinada cultura e o tipo de alimento que eles preparam e servem para eles.

Para tanto, Brochado e seus coautores (BROCHADO, MONTICELLI, 1994, p. 107-108; BROCHADO, MONTICELLI, NEUMANN, 1990; LA SALVIA, BROCHADO, 1989, p. 115-145) procuraram: 1) fazer uma classificação etnohistórica da cerâmica Guarani do século XVII; 2) identificar as classes funcionais entre as vasilhas inteiras; 3) estabelecer regras de proporção entre as partes destas vasilhas, separadamente para cada classe funcional. Eles reuniram elementos para mostrar que a produção não era aleatória em termos locais, mas que estaria dentro de uma estrutura de conhecimentos compartilhados na longa duração.

De um lado, a classificação etnohistórica foi uma alternativa para identificar as classes funcionais, conforme a “tipologia cognitiva” (ROUSE, 1960): o “padrão de atributos que um povo utiliza para categorizar alguns dos seus próprios artefatos e consigná-los a uma classe” (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 166). A principal fonte dessa classificação foi o *Vocabulario* e o *Tesoro de la Lengua Guarani* (MONTROYA, 2002; 2011), posteriormente revisado e ampliado para 445 palavras e frases (NOELLI; BROCHADO; CORRÊA, 2018). De outro lado, as regras de proporção foram concebidas para mostrar as combinações de seção de perfil que as ceramistas escolhiam para compor uma morfologia. O resultado não era a cópia exata de um modelo ideal, nem formas aleatórias, mas uma padronização onde a diferença era a norma que resultava em vasilhas muito semelhantes dentro de cada classe funcional, como se verificou em algumas amostragens que foram ampliadas com o passar dos anos em coleções de diversas instituições de 7 países: 1) 180 vasilhas (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 116); 2) 250 vasilhas (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990, p. 737-738); 3) 1895 vasilhas em 2018 (CORRÊA, 2014; NOELLI; CORRÊA, s.d.).

A Classificação da Panela da Cerâmica Paulista

Neste artigo, nós adotamos o método de Brochado para analisar uma amostra de panelas inteiras e semi-inteiras. Nossos dados dividem-se entre: i) vasilhas inteiras medidas e fotografadas em instituições de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná (NOELLI; SALLUM, 2019); ii) mais de 3 mil fragmentos do sítio Ruínas do Abarebebê, município de Peruíbe (SALLUM, 2018; CALI, 2012); iii) fotografias e desenhos publicados de vasilhas arqueológicas e etnográficas.

As vasilhas cerâmicas que estudamos são provenientes do sudeste de São Paulo e nordeste do Paraná. Na área relativa à parte do atual Estado de São Paulo, as Tupiniquim as produziram por aproximadamente 15 séculos (CORRÊA, 2014), enquanto a que denominamos “paulista” se produz há cinco séculos (SALLUM; NOELLI, 2020).

A partir dessa investigação, verificamos que as Tupiniquim articularam suas práticas com as da cerâmica comum portuguesa. Elas usaram sua agência e conhecimento tecnológico para corporificar uma prática transmitida e ressignificada ao longo do tempo, nos permitindo propor uma definição para a Cerâmica Paulista: “cerâmica

comum portuguesa apropriada e transformada no século XVI pelas Tupiniquim da área de São Vicente, para uso nos assentamentos coloniais, reproduzida até o presente na região sudeste de São Paulo” (NOELLI; SALLUM, 2019, p. 703). Consideramos que a produção até o presente resultou de “gerações de pessoas conectadas em comunidades de prática” (STAHL, 2010), com mudanças como resultado de relações de diferentes ontologias, significados corpóreos e materiais.

É importante ressaltar que as Tupiniquim não copiaram a cerâmica comum portuguesa. Elas escolheram elementos portugueses para serem amansados (XAKRIABÁ, 2020) e transformados, como as seções do perfil, base plana, asas, tratamento de superfície e decoração. E não optaram por outros como a roda de oleiro, a pasta com granulometria fina e elementos morfológicos decorrentes das técnicas do uso do torno, como os reforços de borda e as bases planas na maioria das vasilhas. A transformação pode ser explicada como se elas tivessem decomposto todas as partes das vasilhas portuguesas, para articulá-las com as partes das suas vasilhas, combinando-as para criar as técnicas e estéticas que resultaram na Cerâmica Paulista. Destacamos duas escolhas singulares: 1) a cor escura adotada em alguns lugares, como veremos mais adiante, para criar um efeito estético similar ao da cerâmica comum preta da metade norte de Portugal, transformando a prática com o emprego de corantes vegetais para substituir o composto mineral português, inexistente em São Paulo; 2) a incorporação da taxonomia portuguesa, como mostraremos logo a seguir.

A Linguagem da Cerâmica Paulista

A Cerâmica Paulista teve duas linguagens que coexistiram no tempo, mas nem sempre nos mesmos espaços coloniais. E não se trata apenas da circulação de palavras e ideias, mas da sua materialização em vasilhas seguindo modelos padronizados por escolhas tecnológicas específicas. Elas foram replicadas e usadas continuamente em uma realidade social dinâmica de interação entre pessoas, coisas, situações e valores culturais (PERRONE-MOISÉS, 1999). Tal como os indígenas de Martha’s Vineyard, no Estado de Massachusetts, Estados Unidos (BRAGDON, 2010), as evidências históricas sugerem que parte das ceramistas paulistas navegava em um complexo contexto bilíngue, onde a linguagem da cerâmica seria expressada tanto na versão indígena, quanto na portuguesa. Nos parece mais factível essa interpretação sobre o passado, em detrimento do modelo interpretativo dominante, que relegou automaticamente as mulheres paulistas ao monolinguismo, considerando que elas falavam apenas as línguas indígenas com um “caráter mais exclusivista” (HOLANDA, 1995, p. 124). Para descolonizar o papel da linguagem nas relações sociais dessas mulheres passa por considerar, de acordo com Uzma Rizvi (2019), que a “reivindicação ontológica de silenciamentos é de fato o resultado da violência epistêmica e não algo constitutivo da coisa em si”. Com a descolonização, superaremos o apagamento das mulheres no passado colonial, quando historiadores transferiram comportamentos dos séculos XIX e XX, período em que se vivia no regime onde predominavam costumes portugueses e as normas cristãs. A versão colonizadora da historiografia ignorou a autonomia e as relações de colaboração das Tupiniquim com as pessoas de fora, articulando práticas sociais que persistem até o presente.

Embora o Tupiniquim fosse a língua dominante em termos quantitativos, considerando a maioria indígena, o bilinguismo se estabeleceu com as relações entre indígenas e europeus em São Paulo, a partir de 1502, sendo possivelmente uma característica dos assentamentos coloniais. Além dos europeus que viviam e circulavam

ali, desde 1549 os jesuítas trabalharam para alfabetizar uma fração dos meninos Tupiniquim (LEITE, 1938), todos contribuindo para aumentar as chances da circulação de vocabulário e frases portuguesas entre os indígenas, resultando em vários graus de bilinguismo. No caso da linguagem da cerâmica, a nossa interpretação dos registros sugere que as mulheres dominariam palavras e frases do português, relativas à troca, produção e uso de bens nas relações diárias, como elementos adicionais a serem transmitidos entre as gerações, acompanhando a persistência das comunidades de práticas.

No sentido das relações linguísticas, em 1585, Cardim (1937, p. 170-171) relatou que os portugueses, “quase todos os que vêm do Reino e estão cá de assento e comunicação com os índios a sabem [a língua] em breve tempo, e os filhos dos Portugueses cá nascidos a sabem melhor que os Portugueses, assim homens como mulheres, principalmente na Capitania de São Vicente”. Ele testemunhou relações onde a troca linguística resultava em aprendizado mútuo, nos permitindo considerar que no contexto das relações permanentes é difícil presumir que apenas portugueses aprenderam a língua Tupiniquim e que as mulheres não aprenderam a língua de Portugal.

Durante os séculos XVI e XVII, a Língua Geral Paulista (LGP) foi surgindo da relação dos Tupiniquim com os portugueses, sendo falada por ambos (RODRIGUES, 1996). Em 1694, António Vieira relatou a situação do bilinguismo em São Paulo: “a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portugueza a vão os meninos aprender à escola” (VIEIRA, 1756, p. 161-162), destacando que as mulheres não a frequentavam. Em 1698, o governador Artur de Sá Meneses relatou que o novo padre de Piratininga precisava de intérprete, pois a maioria “daquela Gente não se explica em outro idioma, e principalmente o sexo feminino e todos os servos” (MENESES, 1914, p. 354). Cabe lembrar que em 1920 a oralidade continuava como o método predominante de transmissão de conhecimento, ano em que 78% das crianças paulistas até 12 anos não eram alfabetizadas (MATHIESON, 2018). Na zona rural, as taxas de analfabetismo eram maiores, alcançando 80% das nascidas entre 1870 e 1910, com a geração de 1870 em torno de 93% (FERRARO, 2012), sendo indicadores da persistência de práticas das comunidades agroflorestais.

O desafio é atribuir à oralidade a mesma importância que dão aos registros escritos e arqueológicos, assim como é fundamental compreender que o método europeu de transmissão de conhecimentos, dentro de uma sala de aula, não é o único. Ao invés de citar a bibliografia sobre teoria e método interdisciplinar para articular tais registros com a oralidade, preferimos recorrer ao depoimento de Shianne Sebastian, da comunidade Pequot Oriental de Connecticut, Estado Unidos, para perceber as genealogias de conhecimentos: “A história indígena americana foi transmitida oralmente por gerações, e como resultado, há muito pouco registro escrito. Temos acesso às narrativas européias durante os primeiros contatos e assentamentos, mas antes disso, devemos confiar nas histórias que são contadas e nos artefatos que são encontrados para entender como o Pequot viveu” (DRING *et al.*, 2019, p. 366). De outras maneiras, esta mesma perspectiva está narrada pelas ceramistas de São Paulo nos registros de diversas pesquisas (SCHEUER, 1967, 1976; NASCIMENTO, 1982; MAGRINI, 2019).

No século XIX, o português passou a ser a língua dominante (LEITE, 2013). A LGP continuava sendo falada por “alguns velhos paulistas” que falavam português com muito sotaque, como Auguste de Saint-Hilaire (1851, p. 273) ouviu pessoalmente em 1820. Ou Hercule Florence, que no final de 1825 relatou que na cidade de São Paulo, “há sessenta anos, as senhoras conversavam nessa língua, que era a da amizade e da intimidade doméstica” (FLORENCE, 2007, p. 224).

Em parte, a mudança resultou da política pombalina de imposição da língua portuguesa e da destruição das línguas gerais, visando a completa assimilação dos povos indígenas, com a transformação do “diretório” (1757) no alvará real de 17 de agosto de 1758 (RODRIGUES, 1983; GARCIA, 2007). A lei foi um instrumento para assegurar o domínio das lavras de imigrantes portugueses deslocados para regiões economicamente estratégicas, como Minas Gerais no ciclo do ouro. São Paulo, em função da vizinhança e como provedor de parte da logística mineira, também passou a receber um crescente número de portugueses, deixando de ser aquele lugar que nunca fora efetivamente dominado pela burocracia imperial em 250 anos. Este número crescente levou a língua portuguesa falada em São Paulo a ser dominante no início do século XIX, entre relações que gradativamente resultaram em novas identidades, superando o pluralismo nas “construções estratégicas da memória e do esquecimento” (HAYES, 2011, p. 202). Seria uma das faces daquilo que Goldman chamou de deslocamento identitário em meio a uma paz tênue “a ser feita e refeita constantemente” entre pessoas, contrapondo-se “à ideia totalizante de uma sociedade nacional integrada, uma paz ecumênica que depende da guerra constante contra as diferenças, seja com feitiço ou com balas” (GOLDMAN, 2017, p. 10). Tal como ocorreu em Brothertown (Estado de Wisconsin, Estados Unidos), a atribuição do etnônimo Paulista poderia ser uma espécie de “terreno neutro” de “paz tênue”, onde alguns indígenas, europeus e africanos interagiram compartilhando conhecimentos, tecnologias, comidas, sabores e relações sociais com quem entrava, onde a “mudança do uso dos nomes através de tempo e através do espaço social oferecem insights sobre os processos de mudança de identidade” (CIPOLLA, 2012, p. 58), contribuindo para a “criação de sentidos de lugar ricos em textura moral, cosmológica e biográfica” (FELD; BASSO, 1996 *apud* CIPOLLA, 2012, p. 58).

Retornando a linguagem do contexto de uso da cerâmica, a vasilha com função “panela” era definida como *jaʔēpepó*, em Tupinambá e Tupiniquim, conforme a escrita fonológica. Na Tabela 1, vemos a reconstrução de Rodrigues (2007) para o étimo panela no Proto-Tupi: ***waʔē*, com o protofonema consonantal ***w*. No caso do processo de formação e mudança fonológica das línguas da família Tupi-Guarani, a consoante ***w* se anteriorizou e se desarredondou, convertendo-se em **j*, grafando-se *jaʔē*. No caso Tupinambá e Tupiniquim, a pronúncia antiga era *jaēpepó*, pois o fonema /j/ se nasalizava quando seguido por fonema nasal (/ẽ/ neste caso), mudando para o alofone /ɲ/. Daí que muitos grafaram *jaēpepó* ou *ñãēmpépó*.

Os primeiros registros escritos de nomes Tupi de vasilhas cerâmicas foram publicados em 1557, quando Hans Staden os reduziu à escrita gótica no dialeto alemão da região de Hesse, ao narrar a sua experiência no litoral de São Paulo com os Tupiniquim e Tupinambá (1552 a 1554). Ele foi prisioneiro de dois irmãos Tupinambá com nomes de vasilhas: 1) **Jeppipo Wasu** (Jeppipo wasu), traduzido como “panela grande” (*jaʔēpepó gwasu*); 2) **Alkindar Miri** (Alkindar miri), do português (alguidar) + Tupinambá (miri = pequeno), é o primeiro registro bilíngue da LGP.

No início do século XVII, há registros linguísticos de panela em francês e português. Em francês, temos o registro feito em São Luís do Maranhão, publicado por Claude D’Abbeville (1614, p. 283): **Gnaepépa**. Em português, temos como principal fonte o “Vocabulário na Língua Brasileira” (VLB), finalizado em 1621 com a contribuição de intérpretes jesuítas que atuaram décadas em várias partes do litoral, incluindo São Paulo (LEITE, 1948). O VLB (1952a, p. 63) traz o registro de “panela - *ñãēpepó*”, mas também apresenta o étimo que caracteriza a panela da Cerâmica Paulista: “Asado - *nhaēpepôguaçu*” (VLB,

1952a, p. 44). A vasilha com asa também é conhecida como “asada” ou “asado” na língua portuguesa, com registros desde o ano de 1145 (FERNANDES, 2012, p. 298-299). O termo foi definido no dicionário de Bluteau (1712-1728) como: 1) “asado, ou pote asado... Esta palavra vem do grego, & propriamente significa pote de duas asas”; 2) “asado... vaso com asa, espécie de boião, ou panela”. Enfim, *ñãẽpepó guaçu* (*jaẽpepó gwasú*) se traduz como o nome do captor de Staden: panela grande. No século XX, era chamada de “panela de mutirão” ou “panelas grandes de mutirão”, o “recipiente de porte maior usado na reunião festiva do mutirão” (SCHEUER, 1976, p. 41, 56), uma reminiscência das *ñãẽpepó guaçu*, onde se cozinhava para a família extensa ou para oferecer a reciprocidade aos de fora da família após um trabalho colaborativo.

No interior de Iguape, em 1853, encontramos o último registro escrito do étimo *japepó*, colhido de “alguns homens velhos que se recordam de vocábulos indígenas que ouviram de seus antepassados” (OLIVEIRA, 1936, p. 117). Outros termos Tupinambá\Tupiniquim conhecidos desde o século XVI (ANCHIETA, 1595, p. 34v), foram coletados no sudeste de São Paulo, entre 1962 e 1967, na etnografia de Herta Scheuer (1976): o nome de argilas (tauá ou taguá) e de ferramentas circulares e elípticas feitas com a casca de cuieira, usadas para alisar as paredes, chamadas de *cuipeva*, como mostra a Figura 2 (outras ferramentas eram usadas, mas ainda não descobrimos seus nomes Tupiniquim e LGP).



Figura 2: Cuipeva.
Fonte: Foto de Plácido de Campos Júnior - Cortesia MIS-São Paulo

A panela com asa foi uma novidade para as Tupiniquim, sendo a asa um atributo não utilizado antes delas conhecerem as vasilhas europeias. A *jaʔēpepó gwasu* era a panela “asada”, que recebeu, em termos Tupiniquim, um par de *nambí* = “orelhas” (VLB 2, p. 58; “*nambiguaçu*” = “orelhudo” VLB 2, p. 59). Contudo, os jesuítas portugueses traduziram no VLB como “asa do vaso” = “*nambi*” (VLB 1, p. 44), seguindo a sua classificação medieval, ao invés de usar “orelha do vaso”. Se “asa” de vasilha fosse equivalente nas duas línguas, a tradução exata do termo Tupiniquim\Tupinambá seria *pepó*, presente desde o *Proto-Tupi* (***peʔpo*) e Proto-Tupi-Guarani (**pepo*) (LEMLE, 1971, p. 116; RODRIGUES, 2005, 2007).

Uma ideia que Aryon Rodrigues nos sugeriu há tempos inspira uma possibilidade de explicação histórica e metafórica do étimo *jaʔēpepó*. Para Rodrigues, *jaʔēpepó* se explica como *jaʔē* + *ʔepó* = “panela com asa”. Porém, lembramos como ele preferia interpretar na sua verve erudita revestida de contagiante leveza: *jaʔē* “asudo”, ao invés de “alado” ou “com asas”. Ele explicava que o segundo elemento do composto é o atributo do primeiro, exemplificando com *jaʔē pukú* = panela “comprida” ou *jaʔē gwasú* = panela “grande”. Seria uma metáfora, não uma catacrese, como “pé de mesa” ou “braço de poltrona”, mas muito próximo disso. Ele não considerava *pepó* o atributo material (asa de panela), mas uma interpretação metafórica do perfil da panela inspirado\semelhante a uma asa de borboleta, pela similaridade entre asa (**peʔpo*) e borboleta (*pʔeʔp̃-a /pep=a/*) na língua Tupari (RODRIGUES, 2007; RODRIGUES; CASPAR, 2017, p. 20). Portanto, a nossa hipótese é que o étimo *jaʔēpepó* seria o resultado de um longo processo histórico dividido em duas etapas. A primeira foi a elaboração da ***waʔē*, possivelmente uma vasilha com forma calota, que se poderia traduzir por “panela de barro queimado”, significando simultaneamente a matéria-prima e o recipiente. A segunda ocorreu tempos depois, quando a parede adicionada sobre a calota teria a sua forma, vista de perfil, comparada com a asa de borboleta, a metáfora que legaria o étimo *jaʔēpepó*. Como se trata de uma metáfora, subentende-se que a forma da panela não requer similaridade com quaisquer borboletas.

Enfim, a definição do conteúdo da linguagem da Cerâmica Paulista ao longo de cinco séculos ainda precisa de mais investigação, inclusive etnográfica, pois julgamos o nosso levantamento como prospectivo, não obstante ser atualmente o mais completo disponível (NOELLI, SALLUM, 2020; SALLUM, NOELLI, 2020, 2021). Os arquivos sobre São Paulo e Paraná contêm vasta quantidade de documentos com potencial para localizar vocabulários de diferentes períodos sobre práticas e cultura material, incluindo a cerâmica, pois há evidências de registros da LGP e do dialeto caipira (AMARAL, [1920] 1976; GARCIA, 2015; LEITE, 2013). Na tabela 2, temos uma amostra que revela a persistência da linguagem da Cerâmica Paulista, conforme a grafia usada nas fontes:

Tabela 2: Amostra da linguagem da Cerâmica Paulista

Atributo	Staden (1557)	VLB (1621)	Araújo (1621)	Oliveira [1853] 1936	Amaral (1920)	Scheuer (1962-67)
Lábio		Cembê: Beiço, pella borda do pucaro, talha, etc		Cemeyba: aba, borda; Tembê:beiço		Lábio, beiço

continua...

conclusão

Atributo	Staden (1557)	VLB (1621)	Araújo (1621)	Oliveira [1853] 1936	Amaral (1920)	Scheuer (1962-67)
Boca		Jurú		Juru		Boca
Orelha, Asa de vasilha		Nambí		Namby	Nambi	Asa
Base		Çopigtâ: pé, como do copo		Epy: base, alicerce		
Tampa		Açojaba:				
Panela	Jeppipo wasu	nhaëpepô guaçu: asado		Japepo		Panela
Barro vermelho		Tagoapiranga	Tagoá			Taguá
Barro amarelo		Tagoa		Tauá, tagoá	Tauá, tagoá	
Barro de louça		Nhauúma	nhaùuma			
Caolin		Tobatinga			Tabatinga	Tabatinga
Ferramenta feita de cuiá		Cuipeba				Cuipeva
Fogão com suportes líticos ou cerâmicos				Tacurúba, foi traduzido com dúvida como “panela velha”, mas poderiam ser vasilhas ou fragmentos de vasilhas usados como suporte de panelas sobre o fogo	Tacurú, tacurúva	

A Panela na Cerâmica Paulista

A Cerâmica Paulista resultou da articulação de conhecimentos Tupiniquim e portugueses, estabelecida pelas mulheres Tupiniquim. As panelas Tupinambá e Tupiniquim são elípticas ou ovais, boca estreita, base cônica ou arredondada e, em média, com a largura correspondendo a 2/3 da altura (equivalem ao perfil 3 e tipo 2 de BROCHADO, 1984, p. 292; 1991b, p. 58). O tratamento de superfície pode ser alisado, corrugado ou escovado.

Já as panelas da cerâmica comum portuguesa sem vidrado possuem formas variadas. Bugalhão e Coelho (2017) definem como “recipiente de pequena, média e grande dimensão, de forma fechada, bojuda ou ovoide, colo ligeiramente estreitado, mais ou menos diferenciado; apresenta uma ou duas asas [eventualmente nenhuma], fundo plano, convexo ou, por vezes, côncavo”. O tratamento de superfície pode ser alisado ou brunido, eventualmente com incisos.

As 70 panelas da nossa amostra da Cerâmica Paulista possuem morfologias correspondendo a sólidos elipsoidais, definidos conforme Rice (2015). A técnica para levantar a parede das vasilhas é o acordelado, principiando por dois modos: por uma espiral de roletes ou com um cone modelado onde os roletes são sobrepostos. A maioria se enquadra em três estruturas morfológicas com perfis variáveis (Figura 3), restringidas com pescoço ou colo, e não-restringidas. O lábio pode ser arredondado ou plano. A boca é circular, geralmente com diâmetro maior que a altura (quando não é circular, a forma geralmente elíptica parece resultar de algum “acidente de percurso” na produção). O maior diâmetro das restringidas está sempre no bojo, enquanto o das não restringidas está na abertura. O bojo das restringidas pode ter o contorno composto formando um colo com seção de cilindro, ou ser infletido formando um pescoço, enquanto as não restringidas têm um contorno simples. A maior capacidade registrada é de 65 litros, como informa Tiburtius (1968-69, p. 57), porém consideramos necessário medir novamente todo o conjunto.

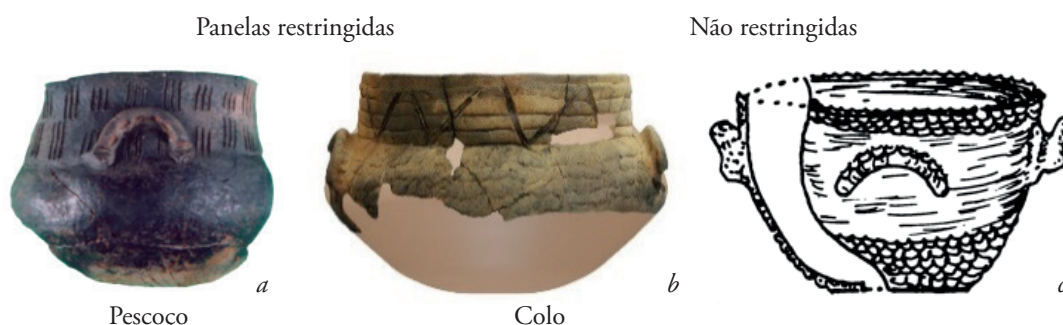


Figura 3: a) Zequini (2006, p. 145); b) Cortesia Museu Histórico de Itapeva, Foto Francisco S. Noelli (F. S. N.), Reconstrução: Carolina Guedes; c) Tiburtius (1968-1969, p. 61, vasilha 855).

O tratamento de superfície externo pode ser alisado, escovado com sabugo de milho, corrugado e, também, com combinações de alisado\corrugado, alisado\linhas incisadas, alisado\entalhado, alisado\pontado, escovado\linhas incisadas ou escovado\entalhado. A superfície interna pode ser alisada, ou alisada seguida de uma aguada (banho ou barbotina) de argila com cores e densidades diversas. As panelas são “asadas”, isto é, com um par de asas e, eventualmente, quatro asas, ou podem ter um par de alças. As produções a partir do século XVIII, mais relacionadas aos núcleos urbanos, possuem base plana ou suavemente arredondada, para serem usadas sobre o fogão de barro com chapa de ferro e, depois da segunda metade do século XX, nos modelos a gás (MAGRINI, 2019, p. 111). Nas residências com fogo de chão, a base é arredondada ou cônica, mais raramente plana, com as panelas aquecidas diretamente ao lado ou sobre a lenha, ou sobre suportes líticos, cerâmicos e trempes de ferro (em alguns lugares os três tipos de base poderiam coexistir; e lembramos que o termo “caipira” dos suportes é *tacurú*, AMARAL, 1976).

São variáveis que desafiam aqueles acostumados com teorias e métodos mais dedicados a considerar mais as semelhanças que as diferenças, como é o caso da perspectiva das tradições e fases, largamente adotadas no Brasil. Agora é necessário instigar a percepção da variabilidade para reconhecer o leque de opções locais que as ceramistas dispunham para compor as morfologias de um conjunto artefactual que abrangue uma larga região.

A espessura média do perfil é menor nas vasilhas mais antigas; nas mais recentes a espessura média é maior. Como mostra a tabela 3, as medidas deveriam ser

consideradas provisórias até uma nova mensuração das coleções. Contudo, a maioria dos resultados mostra coerência nas proporções, morfologias e atributos, não havendo nenhuma vasilha muito “fora da regra”. A maioria foi publicada pelos pioneiros Guilherme Tiburtius e Herta Scheuer, que colecionaram e estudaram as vasilhas, que as chamaram, respectivamente, de “caseira” (*Hauskeramik*) e “cerâmica popular”. Enquanto Tiburtius (1968-1969) relatou as suas investigações para colecionar as vasilhas sem revelar se investigou sobre a produção e o uso, enquanto Scheuer (1967, 1976, 1982) produziu uma etnografia muito sistemática e completa sobre o conhecimento, a produção e o uso, mas não investigou os processos históricos. Contudo, Scheuer deixou pistas sólidas sobre as linhagens de ceramistas e os princípios da manutenção e transmissão dos conhecimentos, o suficiente para nos permitir conectá-los às Tupiniquim através de dados arqueológicos e históricos.

Uma parte da coleção Tiburtius está no Museu do Homem de Sambaqui de Joinville (SILVA, 2017; FERNANDES; BANDEIRA, 2020) e a de Scheuer está no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. Eles publicaram a maioria de suas vasilhas com desenhos e croquis, que usamos por serem únicos, mesmo que não sejam propriamente desenhos técnicos. A produção das vasilhas registradas por Richard Krone (1908) foi atribuída aos Guarani de Itariri, mas são típicas cerâmicas paulistas e, provavelmente, adquiridas pelos Guarani em suas relações com seus vizinhos (as fotos de Krone possuem escala). As demais são peças isoladas ou pequenos conjuntos, guardadas em diversas instituições, adquiridas por doação, compra e pesquisa arqueológica.

A nossa amostra nos permite sugerir que a ceramista dispunha de um repertório de morfologias e atributos inspirados em vasilhas conhecidas, elo de ligação nas linhagens e genealogias de conhecimentos tecnológicos e estéticos transmitidos pelas gerações anteriores. As opções para definir as escolhas tecnológicas seriam inspiradas nas vasilhas que circulavam na constelação de ceramistas em nível local ou regional, cuja alteridade seria “uma máquina de produção de sentimentos com uma estética viva, não congelada” (LAGROU, 2016, p. 13). A prática de guardar vasilhas em desuso também seria um recurso de memória, como foi registrada perto de Curitiba na década de 1940 (TIBURTIUS, 1968-1969, p. 52); em comunidades do sudeste de São Paulo na década de 1960 (SCHEUER, 1976, p. 6) e, em 2017-2018, no lado paulista do alto Vale do Ribeira (MAGRINI, 2019).

A circulação também incluía sentidos/sabores e materialidade/estética, tornando as vasilhas da Cerâmica Paulista artefatos vivos que “existem em relação” em com as pessoas. O exame dos registros mostra que a produção e o consumo dessa cerâmica estiveram, até meados do século XX, relacionados a um modo regional de processar, servir e armazenar. As pessoas compartilhavam conhecimentos compostos de memórias que incluíam materiais, sensações, gostos e modos de consumir em determinadas vasilhas, onde “qualquer doação ou empréstimo é feito sob o horizonte de uma reciprocidade esperada” (MATOS, 2018, p. 4). Era requisito importante saber selecionar a matéria-prima em determinadas camadas do solo para fazer vasilhas com propriedades físico-químicas específicas (SCHEUER, 1976), para acrescentar “sabor” a líquidos e alimentos, tal como já era comum entre indígenas (MAGRINI, 2019) e portugueses (CASIMIRO; NEWSTEAD, 2019).

A produção e o consumo de vasilhas com sabores e estéticas conhecidos são, simultaneamente, formas de reafirmar memórias, identidades e diferenças no espaço

das interações sociais da vida cotidiana. É a alteridade que molda relações, relativas a “projetos, intenções ocasionais, eventos e agentes situados” (MONTERO, 2012, p. 22). Isso significa que as pessoas sabiam e esperavam que as panelas servissem para usos específicos. A transmissão de conhecimentos entre as gerações produzia intencionalmente vasilhas para além da mera necessidade, como um elo importante da sociabilidade, onde as pessoas esperavam compartilhar comidas e sabores associados ao cotidiano e aos eventos específicos ao longo do ano.

O conjunto de informações que usamos nos permitiu deduzir que as pessoas que compartilhavam esses códigos conheciam cada tipo de vasilha, independentemente de sua posição social. E sabiam também o que esperar de quem as fazia, pois cada ceramista era reconhecida na sua comunidade e além, por sua habilidade em despertar efeitos sensoriais e estéticos. No século XX, assim como devia ser antes, o nome da ceramista era a sua marca conhecida nas redes multiescalares. A fama as precedia e, certamente, tais qualidades impulsionaram o comércio a partir do século XVIII para abastecer mercados regionais. O ingresso no mercado permitiu a continuidade e a sobrevivência dessas comunidades de práticas até o presente, produzindo excedente de vasilhas para atender residências e lojas urbanas.

Assim, parece que as ceramistas teriam dupla intenção, além de estabelecer relações pela materialidade: elas esperavam produzir efeitos prazerosos no sabor e na estética, assim como deviam querer ser reconhecidas por propiciar tais sensações, fator decisivo no seu reconhecimento público, como foi comum em diversas regiões do Brasil (PEREIRA, 1957). Seguindo a perspectiva de Hamilakis (2013), podemos dizer que essas mulheres produziam atrativos de condições propícias ao convívio e à afetividade.

A compreensão da morfologia como resultado de memória e prática “em relação”, avançou com o método de Brochado, quando ele procurou compreender e explicar a geometria das escolhas tecnológicas que resultaram na forma das vasilhas. Brochado (1984, p. 266; LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 116) tinha a “impresão” que as ceramistas concebiam o perfil como uma “pilha de zonas ou segmentos horizontais nitidamente demarcados”, como “unidades padrão, de formas definidas que, sobrepostas, darão o contorno da vasilha”. A partir desta identificação, ele desenvolveu um sistema para a descrição “baseado na divisão de segmentos ideais” (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 116).

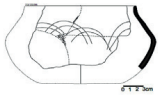






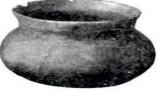

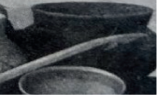



A tabela 3 mostra a variabilidade de segmentos de 71 panelas, as quais descreveremos usando analogia com a anatomia humana, tal como as Tupiniquim, os portugueses e as paulistas. Os bojos são mais alongados ou achatados, mais gorduchos ou delgados, com ombros mais ou menos pronunciados, sobre uma parede com seção mais arredondada ou mais conoidal, assentando-se sobre bases planas ou levemente cônicas ou arredondadas. A borda é direta, sem reforço interno ou externo, com duas possibilidades: 1) começando com uma curvatura, formando um pescoço com alinhamento vertical ou com inclinação extrovertida ou introvertida; 2) começando com uma angulação, formando um colo vertical ou com inclinação introvertida ou extrovertida. O que percebemos é que as formas não são específicas de um período ou área.

Tabela 03: Pannels da Cerâmica Paulista

Panela	Ano\Local\Fonte	Altura	Diâmetro boca	Diâmetro máximo
	1557 Litoral Norte de São Paulo (BROCHADO, 1991b, Figura 3; STADEN, 1557)	265	240	320
				
	Século XVI São Vicente (Erasmus SJE 2.116) Museu de Arqueologia e Etnologia\USP Reconstrução: Carolina Guedes	190	200	284
	Século XVII Peruíbe (fragmento 6472) (CALI, 2012) Museu Histórico de Perúibe Reconstrução: Carolina Guedes	225	200	296
	Século XVII Iperó (ZEQUINI, 2006)\FLONA 01/06 Reconstrução: Carolina Guedes	310	280	340
	Século XVII Torres PUCRS, LII07-612	160	210	250
	Século XVII-XVIII Bairro Itaim Bibi, São Paulo (MUNSBURG, 2018) Reconstrução: Carolina Guedes			
	Século XVII-XVIII Bairro Itaim Bibi, São Paulo (MUNSBURG, 2018) Reconstrução: Carolina Guedes			
	Século XVII Iperó (ZEQUINI, 2006)\FLONA 01/06	155	140	180
	Século XVII-XVIII?? Sítio Mirim, São Paulo (MUNSBURG, 2018) Reconstrução: Carolina Guedes			
	Século XVII-XIX Curitiba (CHMYZ, 1995)	350	300	450












continua...

continua...

Panela	Ano\Local\Fonte	Altura	Diâmetro boca	Diâmetro máximo
	Século XVIII-XIX Bairro Rocío, São F. do Sul (HERBERTS; LAVINA, 2017)	180	160	220
	Século XVIII Fazenda Capão Alto, Castro (CHMYZ et al., 2016)	170	180	240
	Século XVIII Itapeva, Sítio HCR (ARAUJO, 2012) Reconstrução: Carolina Guedes	190	280	360
	s.d. (anterior século XIX) São Paulo MAE USP s/n	280	320	420
	Século XIX Jundiaí MHCJ 1399	165	190	250
	Século XIX Sorocaba Museu Ferroviário de Sorocaba Reconstrução: Carolina Guedes	350	420	500
	c. 1900 Itariri (KRONE, 1908)	115	80	90
	c. 1900 Itariri (KRONE, 1908)	180	200	260
	c. 1900 Itariri (KRONE, 1908)	240	220	260
	c. 1900 Itariri (KRONE, 1908)	180	220	270
	1942-1941 Mandiātuva, S J Pinhais panela 1190 (TIBURTIUS, 1968-69)	210	116	215
	1942-1941 Mandiātuva, S J Pinhais panela 1187 (TIBURTIUS, 1968-69)	170	140	188
	1941-1942 Mandiātuva, S J Pinhais panela 1180 (TIBURTIUS, 1968-69)	163	142	190




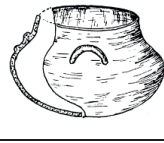
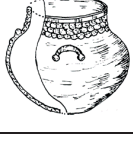

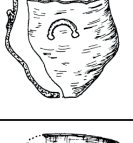
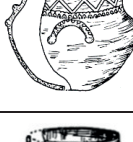



continua...

continua...

Panela	Ano\Local\Fonte	Altura	Diâmetro boca	Diâmetro máximo
	1941-1942 Palmital, Araucária panela 1038 ^a (TIBURTIUS, 1968-69)			
	1941-1942 Areia Branca, Contenda panela 1112 (TIBURTIUS, 1968-69)	173	112	168
	1941-1942 Gauchinho, Araucária panela 1151 (TIBURTIUS, 1968-69)	180	158	190
	1941-1942 Espigão Alto, Araucária panela 1167 (TIBURTIUS, 1968-69)	223	160	232
	1941-1942 Engenho, Araucária panela 860 (TIBURTIUS, 1968-69)	174	166	260
	1941-1942 Areia Branca, Contenda panela 1119 (TIBURTIUS, 1968-69)	178	170	222
	1941-1942 Barra Funda, Araucária Panela (TIBURTIUS, 1968-69)	210	180	260
	1941-1942 Fundo do Mato, Araucária Panela (TIBURTIUS, 1968-69)	210	180	270
	1941-1942 Espigão Alto, Araucária panela 1019 (TIBURTIUS, 1968-69)	185	194	260
	1941-1942 Rocinha, S J Pinhais panela 1194 (TIBURTIUS, 1968-69)	350	260	403
	1941-1942 Lagoa, Araucaria panela 1031a (TIBURTIUS, 1968-69)	360	305	437







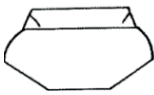

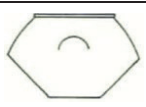



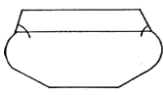
continua...

continua...

Panela	Ano\Local\Fonte	Altura	Diâmetro boca	Diâmetro máximo
	1941-1942 Rio Abaixo, Contenda panela 1166 (TIBURTIUS, 1968-69)	360	305	437
	1941-1942 Palmital, Araucária panela 986 (TIBURTIUS, 1968-69)	365	310	420
	1941-1942 Espigão Alto, Araucária panela 960 (TIBURTIUS, 1968-69)	370	341	575
	1941-1942 Campo Redondo, Campo Largo panela 1073 (TIBURTIUS, 1968-69)	400	360	700
	1941-1942 Lagoa, Araucaria panela 1031 (TIBURTIUS, 1968-69)	332	370	502
	1941-1942 Espigão Alto, Araucária panela 1037 (TIBURTIUS, 1968-69)	370	375	460
	1941-1942 Timbotuva, Campo Largo panela 55 (TIBURTIUS, 1968-69)	365	392	443
	1941-1942 Palmital, Araucária panela 987 (TIBURTIUS, 1968-69)	410	430	545
	1941-1942 Botiatuva, Campo Largo panela 879 (TIBURTIUS, 1968-69)	180	170	235
	1941-1942 Botiatuva, Campo Largo panela 956 (TIBURTIUS, 1968-69)	110	180	201
	1941-1942 Botiatuva, Campo Largo panela 899 (TIBURTIUS, 1968-69)	203	185	270

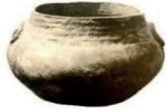









continua...

continua...



Panela	Ano\Local\Fonte	Altura	Diâmetro boca	Diâmetro máximo
	1941-1942 Botiatuva, Campo Largo panela 876 (TIBURTIUS, 1968-69)	243	204	300
	1941-1942 Botiatuva, Campo Largo panela 855 (TIBURTIUS, 1968-69)	142	217	226
	c. 1950 Iguape (arredores) British Museum, Am1955,10.1	155	185	280
	c. 1960 Porto Medeiros, Paranaguá (SCHEUER, 1982)			
	c. 1960 Vale do Ribeira Museu da Cidade de São Paulo	190	170	250
	c. 1960 Vale do Ribeira Museu da Cidade de São Paulo	175	230	295
	1962-1967 Itaoca (SCHEUER, 1976)	155	160	210
	1962-1967 Jairê, Caputera, Guamiranga/Iguape (SCHEUER, 1976)	135	170	215
	1962-1967 Aparição e Orientes (SCHEUER, 1976)	190	180	305
	1962-1967 Serrinha de Bom Sucesso (SCHEUER, 1976, 1982)	155	180	255
				
	1962-1967 Campinas de Fora (SCHEUER, 1976)	190	195	240
	1962-1967 Apiáí (SCHEUER, 1976)	235	260	360

continua...

continua...

Panela	Ano\Local\Fonte	Altura	Diâmetro boca	Diâmetro máximo
	1962-1967 Apiá (SCHEUER, 1976)	230	260	350
	1962-1967 Jairê, Caputera, Guamiranga\Iguape (SCHEUER, 1976)	200	266	415
	c. 1970 Iguape Museu Casa do Barão, São Vicente			
	c. 1970 Jairê, Iguape Col. Marianne Sallum	150	190	250
	1973 Iguape MIS\SP	170	210	280
	1973 Iguape MIS\SP	230	250	320
	1973 Iguape MIS\SP	250	300	400
	1973 Iguape MIS\SP	220	300	400
	1973 Iguape MIS\SP (sem asas)	270	340	450
	c. 1980 Apiá (WALDECK, 2014)			

continua...

Panela	Ano\Local\Fonte	Altura	Diâmetro boca	Diâmetro máximo
	Século XX Ribeirão Grande Centro Cultural, (ARAUJO, 2012)			
	Século XX Ribeirão Grande Centro Cultural (ARAUJO, 2012)			

Morfologia das Asas e Alças das Panelas

As asas possuem três formas gerais, dominando as semicirculares no registro arqueológico das comunidades mais antigas. Em algumas comunidades mais recentes, especialmente após a década de 1940, ocorrem formas triangulares e retilíneas junto com as semicirculares. São cilindros com diâmetro médio de 1cm ou placas retangulares com até 2,5cm de largura, aplicados no bojo entre a linha do diâmetro máximo e a base da borda. As asas eram lisas ou decoradas com inciso, entalhado e impresso. Os extremos poderiam ser decorados com formato de arabesco ou com nódulos (Figuras 4 e 5).



Figura 4: Fontes: a) Museu de Ciências e Tecnologia PUCRS, vasilha LII07-612, Foto: Ângelo A. Corrêa; b, c) Zequini, 2006; d) Munsberg, 2018; e) Sallum, 2018; f) Museu Histórico de Itapeva, Foto: F. S. N.; g) Museu Ferroviário de Sorocaba, Foto: F. S. N.; h) Museu Histórico Casa de Jundiá, Foto: F. S. N.; i) sítio Ruínas do Abarebebê (acervo MAE-USP); j, l) Tiburtius, 1968-1969, vasilhas 860, 1166; m) Scheuer, 1982, Figura 28, n. 4.

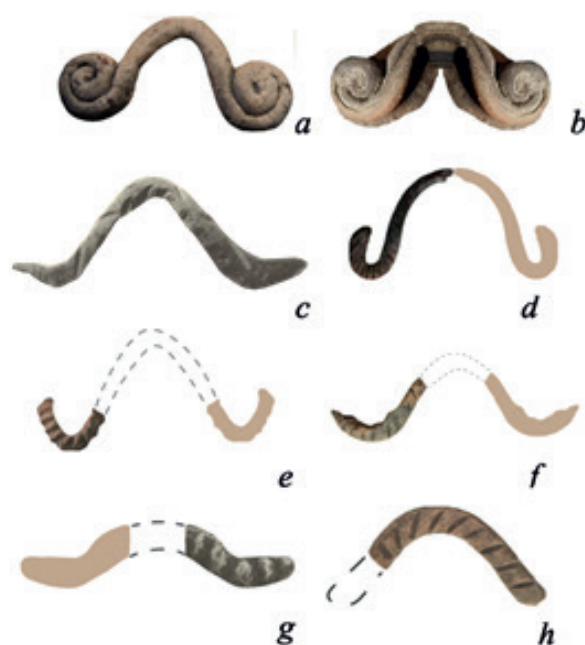


Figura 5: Fontes: a) Ruínas do Abarebebê (SALLUM, 2018; b) Ponta do Poço, Pontal do Paraná (GERNET, BIRCKOLZ, SANTOS, 2012); c) Scheuer (1976), Fig. 5; d) Tiburtius (1968-1969), vasilha 1031a; e) Museu Histórico Casa de Jundiá, Foto: F. S. N.; f) Robrahn-González *et al.* (2016); g) Scheuer (1976), Fig. 4; h) sítio Ruínas do Abarebebê (acervo MAE-USP, foto Marianne Sallum).

Na amostra em análise, as alças são mais comuns na área do litoral ao sul de São Vicente (Figura 6). São compostas por dois cilindros colados justapostos, com diâmetro entre 1 e 1,5cm, menor na panela e maior na panela de mutirão. Também poderiam ser dois cilindros achatados e modelados como uma placa retangular sem emenda aparente.

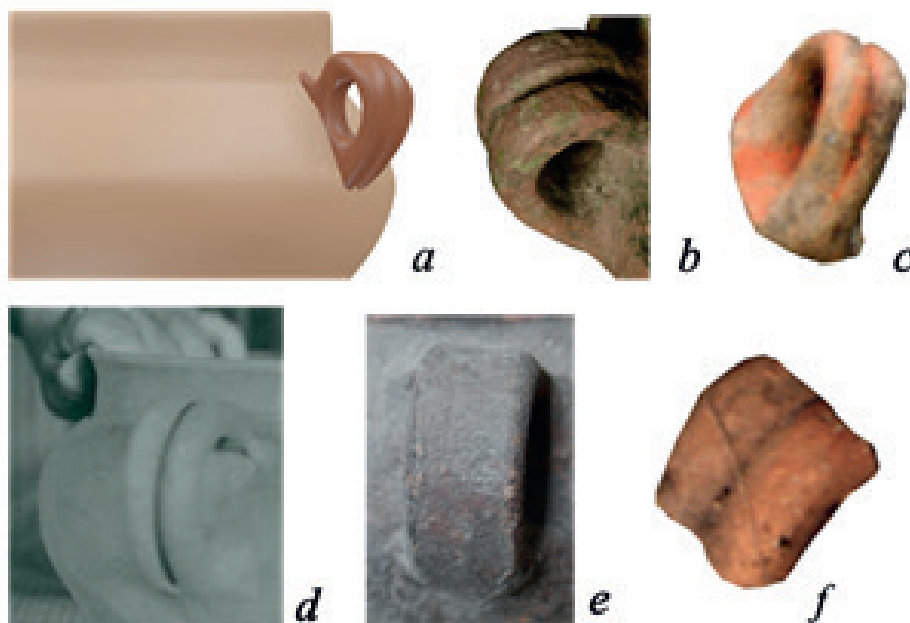


Figura 6: a) Panela (reconstrução de Carolina Guedes; b) Jairê, Iguape, 2018. Foto F. S. N. Cortesia Marianne Sallum; c) Taniguá, Peruíbe, século XVIII ou XIX. Foto Plácido Cali (CALI, 2008); d) Vale do Ribeira, Iguape, 1973. Foto Plácido de Campos Jr. Cortesia MIS\SP; e) Iguape, c. 1970. Foto F. S. N. Cortesia Museu Casa do Barão, São Vicente; f) Taniguá, Peruíbe, c. séc. XVII ou XVIII. Foto Plácido Cali (CALI, 2017).

Tratamento de Superfície

Os tratamentos de superfície e decoração apresentam diversidade (Tabela 4). Nos parece, apesar das limitações da amostra, que as variantes derivam dos seguintes aspectos: 1) transformação de padrões “tradicionais” pela criatividade individual; 2) incorporação de novidades gráficas decorativas por pessoas que vieram de fora, principalmente após o final do século XVII.









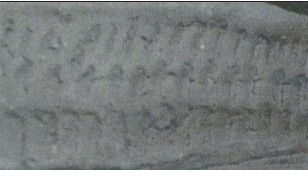















No caso das superfícies, Brochado dividiu o tratamento de superfície em “produtivos” e “decorativos” (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 154-156), desenvolvendo o que considerava anteriormente como “pseudo-decoração” e “decoração” (BROCHADO, 1984, p. 62-63). O produtivo compreende toda a cadeia operatória para construir a vasilha, terminando com um acabamento que deixa a superfície das paredes alisadas, escovadas ou corrugadas, ou preparadas para receber “tipos decorativos” sobre o alisado e o escovado. Os decorativos seriam aplicações intencionais muito bem definidas sobre as superfícies alisadas e escovadas, como a pintura ou elementos plásticos, como os incisos e o ungulado, espatulado, ponteadado e nodulado e os apliques.

As panelas paulistas poderiam ter apenas um tratamento de superfície ou combinar diferentes, distribuindo-os em faixas paralelas ou aleatoriamente. A superfície da vasilha era dividida em três faixas de altura variável: 1) pescoço e colo; 2) bojo; 3) base. Nas panelas mais antigas a variação dos tratamentos de superfície é maior, com corrugado, ungulado, espatulado, ponteadado, inciso, de modo semelhante às panelas pré-coloniais Tupiniquim.

As vasilhas com superfícies lisas e escovadas predominam na Cerâmica Paulista, principalmente no século XX. O alisamento é feito com seixos ou sementes. O escovado poderia ser feito com instrumento de múltiplas pontas ou com seções de sabugo de milho cuja superfície é queimada para ter maior rigidez, uma técnica que as ceramistas de São Paulo chamam de “sabugado” (SCHEUER, 1976, p. 36). Como existem muitas variedades de milho, a superfície do sabugo possui receptáculos de grãos que geram sulcos com larguras e profundidades diferentes, que resultam em tratamentos escovados que variam entre si.

Os incisos merecem destaque por serem os mais “universais” e estarem entre os elementos mais cambiantes que referimos acima. As Tupiniquim usavam o inciso para decorar a cerâmica com composições de linhas retilíneas e curvilíneas, desde muito antes dos portugueses chegarem. Na Cerâmica Paulista predominam as linhas incisadas onduladas, retilíneas e diagonais, simples ou paralelas, semelhantes às que se produziam desde a época medieval na cerâmica comum portuguesa. Nas vasilhas mais antigas, foram traçados cortes mais estreitos, delicados e retilíneos, com uma linha, duas ou raramente três, formando paralelismos ou composições com diagonais e losangos; enquanto nas peças mais recentes os incisos formam desenhos mais despojados, diagonais ou ondulados, raramente losangulares, com cortes mais largos, profundos, irregulares e menos retilíneos (ou mais “tortos”).

Tabela 04: Amostragem de tratamentos de superfície

Escovado e Sabugado	 1a	 1b
Corrugado	 2a	 2b
	  2c	  2d
Espatulado, Impressão com taquarinha, entalhe com borda de concha	 3a	 3b
	 3c	 3d
Acanalado e inciso	 4a	 4b
Incisos	 5a	 5b
	 5c	 5d
	 5e	 5f
	 5g	 5i
	 5h	 5j

continua...

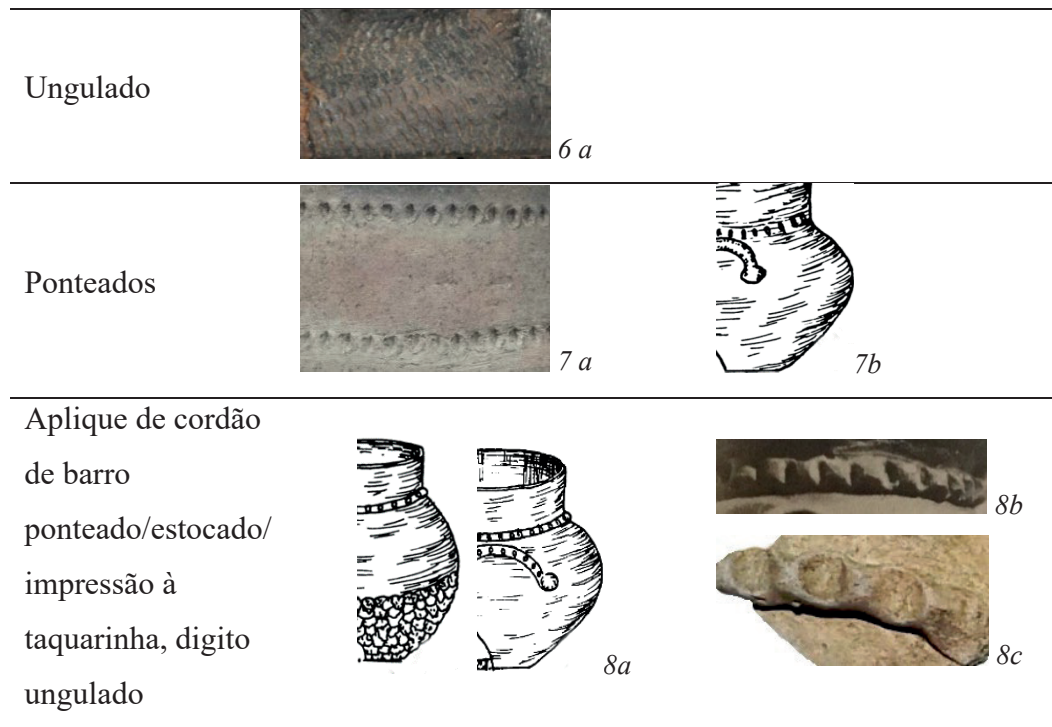


Tabela 4: 1a) São Paulo (acervo MAE-USP, foto Francisco S. Noelli - F.S.N.) ; 1b) Campinas de Fora/SP (SCHEUER, 1976, fig. 1); 2a) São Paulo (acervo MAE-USP, foto F. S. N.); 2b) Itapeva (Museu Histórico de Itapeva, foto F. S. N.); 3a) Itaóca (SCHEUER, 1976, fig. 3); 3b) Apiaí (SCHEUER, 1976, fig. 3); 3c) Vale do Ribeira (Museu da Cidade de São Paulo, foto F. S. N.); 3d) Aparecida do Norte (SCHEUER, 1976, fig. 3); 4a) Itapeva (Museu Histórico de Itapeva, foto F. S. N.); 4b) São Paulo (MUNSBERG, 2018); 5 a,b) São Paulo (MUNSBERG, 2018, tabelas 5, 6); 5c) Araçoiaba (ZEQUINI, 2006, fig. 53); 5d) Guamiranga-Jairê-Caputera (SCHEUER, 1976, fig. 5); 5e) Sítio Ruínas do Abarebebê (acervo MAE-USP, foto F. S. N.); 5f) Jairê, Iguape (Col. Marianne Sallum, foto F. S. N.); 5g) Iguape (British Museum); 5h) S/I (Museu da Cidade de São Paulo); 5i) Pontal do Paraná (GERNET, BIRCKOLZ, SANTOS, 2012, fig. 5); 5j) Bairro do Rocio, São Francisco do Sul (HERBERTS, LAVINA, 2017); 6 a) Torres (Museu da PUCRS, foto Ângelo Corrêa); 7a) Jundiá (Museu Histórico e Cultural de Jundiá, foto F. S. N.); 7b) Cotenda (TIBURTIUS, 1968-69, fig. 1166); 8a) S.J.Pinhais e Araucaia (TIBURTIUS, 1968-69, figs. 1031a, 1190); 8b) Itaóca (SCHEUER, 1976, fig. 27, 2); 8c) Morro da Quatinga, Antonina/PR (in situ, foto F. S. N.).

Procurando a Conexão entre as Vasilhas das Tupiniquim e as Portuguesas

As panelas da Cerâmica Paulista possuem morfologias distintas das panelas Tupiniquim e portuguesas, porém, possuem seções de perfil com elementos de ambas. E o mesmo com os tratamentos de superfície e decoração. Nos interessa verificar como essas vasilhas tiveram a sua definição a partir da relação entre pessoas e suas coisas nos assentamentos coloniais, particularmente no caso da aliança que articulou interesses mútuos em São Vicente.

As informações não abundam, mas não é difícil deduzir a relação dinâmica entre Tupiniquins e europeus compartilhando histórias e “negociando manifestações locais” (PANICH, 2020, p. 5), a exemplo de seus pertences, como cerâmicas, plantas e animais, com práticas que vieram de fora.

Desde a carta de Pero Vaz de Caminha, na costa da Bahia em 1500, há relatos sobre as primeiras relações dos ameríndios com a materialidade europeia, como os dois Tupinambá que foram servidos de água de uma albarrada e beberam vinho em uma taça a bordo da nau de Pedro Álvares Cabral. Da mesma maneira, foram

descritas pessoas e coisas da terra que interessaram aos portugueses. Outro exemplo vem de São Vicente, em 1553, quando Pero Correia (1956, p. 445) mencionou uma das causas da dificuldade dos jesuítas não atraírem ou dominarem os indígenas com “presentes”, era porque eles “não têm nenhuma necessidade das coisas dos cristãos, e têm as suas casas cheias de ferramentas, porque os cristãos andam de lugar em lugar e, de porto em porto, enchendo-lhes de tudo que eles querem”.

Tais “coisas” e histórias precisam ser exploradas na investigação da cultura material, junto com as pessoas, suas agências e relações sociais. Nesse sentido, estamos, nesse momento, realizando um levantamento da materialidade nas fontes escritas, iconográficas, materiais e em campo. Como exemplo, selecionamos três fontes distintas representando vasilhas similares (Figura 7):



Figura 7: 1) (a, f) xilogravura publicada em 1557, livro de Hans Staden; 2) (b, c) “Recolha do Maná no Deserto” (1508-1511), pintura de Francisco Henriques na Igreja de São Francisco de Évora (acervo do Museu Nacional da Arte Antiga, Lisboa); 3) (e) sugestão de forma reconstruída por Brochado (1991, Figura 3); 4) (d) panela da Cerâmica Paulista, feita na década de 1970 (foto: Francisco S. Noelli. Cortesia Marianne Sallum).

Observa-se um caso evidente de práticas cerâmicas persistentes, com “mudanças dentro de continuidades e continuidades dentro de mudanças” (SILLIMAN, 2020). A vasilha onde o maná foi colhido (Figura 7 b, c) representa uma das morfologias apropriadas pelas Tupiniquim no século XVI e, posteriormente, produzida e transformada por mulheres até o presente (Figura 7 d). Trata-se de uma forma representada em uma pintura de c.1511 para ornar uma igreja, mas que seria usada há mais tempo como revelam evidências arqueométricas e etnográficas portuguesas, permitindo a conclusão de que “desde a Idade Média, as cerâmicas foram produzidas seguindo critérios específicos e que a expertise tecnológica antiga continua válida até os dias de hoje” (BELTRAME *et al.*, 2020). A vasilha com alças de Staden (Figura 7 a, f) oferece dupla possibilidade, podendo ser tanto europeia, quanto uma panela da Cerâmica Paulista, cujos destaques ampliam a representação de Staden e o perfil proposto por Brochado (1991, Figura 7 e). Arriscamos propor uma medida para a vasilha de Staden com a es-

cala de uma referência próxima, um pé humano com tamanho que estimamos entre 36 e 42, variação entre 24,5 a 28cm (margem de erro de 3,5cm), e sugerimos que ela teria cerca de 26,5 cm de altura, boca com 24cm e 32cm de diâmetro maior.

A pintura de Francisco Henriques e a panela produzida no interior de Iguaçu (c. 1970) (Figura 7 d) possuem escalas aproximadas e são semelhantes. A Cerâmica Paulista possui borda direta sem reforço, enquanto a portuguesa possui a borda reforçada, ambas com parede pouco elevada acima do diâmetro menor do bojo. As asas de ambas possuem formatos e proporções distintas, mas os seus extremos assentam-se aproximadamente nas mesmas seções dos perfis: 1) base da alça colada na porção mais externa do bojo; 2) parte superior unida ao topo do bojo na seção de menor diâmetro, na base da borda. Não se vê a base da portuguesa, que parece ser plana, enquanto a paulista tem a base plano-convexa. A superfície é alisada em ambas, mas a paulista possui decoração com duas linhas onduladas incisadas, com similares na cerâmica comum portuguesa produzida antes do século XVI.

A xilogravura de Staden parece mostrar uma das morfologias encontradas na ilha de São Vicente, nos estratos mais antigos do Engenho São Jorge dos Erasmos, relativos ao século XVI (Figura 8). As nossas reconstruções gráficas dessas formas configuram uma das versões mais antigas das panelas da Cerâmica Paulista, restringida com colo (fragmento SJE 2.116, acervo MAE USP, escavados por MORAIS; PIEDADE; MAXIMINO, 2004\2005). O mesmo fizemos com um fragmento de borda encontrado nos estratos mais antigos da área do sítio Ruínas do Abarebebê, datados em meados do século XVII (SALLUM, 2018), que configura uma panela restringida com pescoço (fragmento 6472, acervo do Museu Histórico de Peruíbe). As reconstruções foram baseadas nas morfologias das formas inteiras da Tabela 3 e, provavelmente, teriam um par de asas. As figuras 9 e 10 mostram alguns exemplos de variações morfológicas das duas estruturas principais, cujas referências estão na Tabela 3. A Figura 11 mostra uma morfologia restringida com o diâmetro da boca menor que a altura máxima, representado apenas com exemplares mais recentes, embora seja possível que outra xilogravura de Staden represente uma dessas vasilhas no seu capítulo 32 (na edição de 1557 as páginas não foram numeradas), apesar das suas diferenças em relação às vasilhas que apresentamos a seguir.



Restringidas	
Colo – Século XVI	Pescoço – Século XVII
	
Erasmus SJE 2.116	Peruíbe 6472

Figura 8: Reconstrução de panelas restringidas



Figura 9: Painéis restringidas com colo

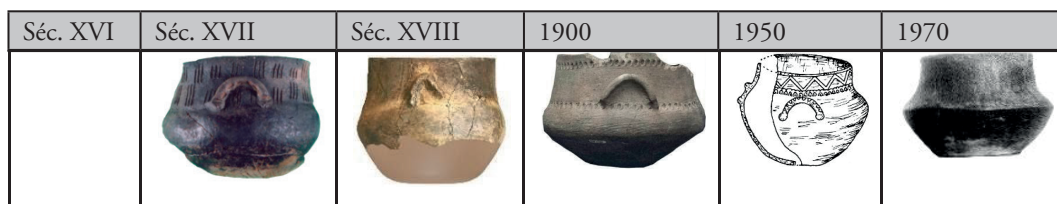


Figura 10: Painéis restringidas com pescoço



Figura 11: Painéis restringida com o diâmetro da boca menor que altura máxima

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As painéis da Cerâmica Paulista foram encontradas em todos os tipos de assentamentos, estando, certamente, entre os principais itens residenciais até o século XIX, em algumas áreas, e até o século XX, em outras. Porém, em que pese as iniciativas bem sucedidas para tornar conhecidas as cerâmicas coloniais, é preciso um esforço extra para retirá-las do esquecimento. É necessário superar o preconceito que as caracterizou como um “vasilhame grosseiro de barro da terra”, em obras clássicas da História de São Paulo, como o livro de Alcântara Machado ([1929] 2013, p. 39). Em 1800, a Cerâmica Paulista era comercializada na feira de Pilatos, no Campo da Luz, pelos “mesmos índios, que são os que fazem a louça ordinária” a ser usada pela “arraia-miúda” (MACHADO, 2013, p. 46).

Felizmente, como mencionamos no começo do artigo, o registro arqueológico mostra que a Cerâmica Paulista é encontrada nas residências de todos os estratos sociais. De um lado, é preciso considerar a produção das gerações de mulheres ceramistas. De outro, o consumo também deve ser considerado, tanto nos lugares onde foram produzidas, quanto nos lugares onde as vasilhas chegaram pelo comércio, especialmente a partir do século XVIII.

A Cerâmica Paulista demonstra que a ação das mulheres, como vimos ao longo do texto, resultou de escolhas e articulações de conhecimentos transmitidos e transformados para/pelas novas gerações. Foi um legado para além da expertise

tecnológica, dividido entre nutrir a noção de pertencimento a uma comunidade de prática e dotar a pessoa de meios para se sustentar e, em havendo oportunidade, para ingressar no comércio, como mostrou Scheuer (1976). E, lembrando o exemplo de outros casos recentes, como os retratados por Nascimento (1986) e Magrini (2019), parte das pessoas que vieram de fora teve interesse em aprender como uma alternativa de trabalho. Portanto, a persistência não resultou apenas do querer, mas também da circunstância de estar onde existia a prática de consumo de cerâmica artesanal, especialmente onde não haveria interesse ou condições de adquirir bens industrializados. Porém, não se tratava apenas de uma restrição orçamentária ou de aspectos meramente práticos, pois envolveria também a manutenção de memórias que ativavam continuamente a sensibilidade relativa aos sabores associados às comidas. E tudo isso circulava de volta, como um retorno que alimentava o prestígio das ceramistas, uma vez que não se buscava apenas uma panela, mas uma panela que influísse no sabor do que ela transformava em comida, como foi o caso da culinária caipira (DÓRIA, BASTOS, 2018). Como sugeriu Hamilakis (2013), essas ceramistas criavam atrações que propiciavam convivência e afeto, muito além da mera funcionalidade.

Existem, por outro lado, grandes desafios. O primeiro é levantar novos dados históricos e ampliar o registro de sítios arqueológicos fora dos núcleos urbanos, nas comunidades agroflorestais onde viveu a maioria da população até a inversão da densidade demográfica que resultou em massiva mudança de residência, passando os habitantes da zona rural de mais de 80%, em 1920, para cerca de 20% na atualidade. Não podemos pautar a maioria dos pequenos assentamentos agroflorestais do sudeste de São Paulo e do nordeste do Paraná, pelo modelo da cidade de São Paulo e da sua região metropolitana, onde se concentra a maioria das escavações já realizadas em sítios datados a partir do século XVI. Sem dúvida essa área oferece informações relevantes que valem por si, mas que não devem ser transferidas automaticamente para outros lugares, pois cada lugar teve sua história particular, especialmente em termos demográficos e de colonialismo. Em todo caso, lembramos da síntese de Munsberg (2018, p. 97) sobre as cerâmicas acordeladas e modeladas de produção local, encontradas nos sítios “bandeiristas” da região metropolitana, entre os séculos XVII e XIX: elas compreendem, dependendo do lugar, entre 53,7% e 100% das amostras escavadas, enquanto nos mesmos contextos as vasilhas torneadas e as industrializadas fora do Brasil estavam em menor quantidade.

O outro desafio, talvez o mais importante, considerar as mulheres ao longo do tempo, reproduzindo e transformando continuamente as práticas cerâmicas, incluindo aquelas que vieram de fora. É fato que nas comunidades agroflorestais a produção cerâmica seria das mulheres, assim como nos assentamentos mais afastados da capital do Estado, sobretudo no sudeste paulista. Este parece ser o padrão do interior, enquanto na capital houve diferentes produções cerâmicas acordeladas e torneadas que coexistiram com a Cerâmica Paulista. Vemos que a população indígena predominou na capital até o começo do século XVIII, momento em que passaram a interagir com as levas vindas da Europa e África, e de seus descendentes que para ali vieram.

Através do censo de 1804, podemos refletir sobre a atuação dos “louceiros” na área mais central de São Paulo, incluindo Penha, Freguesia do Ó e Santa Ana (Santana). Os números oferecem pistas interessantes sobre profissionais não escravizados

(RABELLO, 1977), e permitem estimar a presença indígena. A população dividia-se entre 1667 fogos, dos quais 160 produziam vasilhas cerâmicas, incluindo: 1) mulheres mulatas (17 fogos); 2) mulheres brancas (11 fogos); homens mulatos (23 fogos); 4) homens brancos (9 fogos). A soma abrange 60 fogos, restando 100 não computados. Esta centena abrigaria oleiros escravizados e incluiria os indígenas citados acima por Alcântara Machado? Não há como responder a essa pergunta agora, porém, ela sugere uma nova linha de investigação que poderá encontrar números qualitativos sobre quem fazia vasilhas cerâmicas em Piratininga. Trata-se de um cenário que reforça a pesquisa de Munsberg sobre a produção de cerâmica acordelada com características indígenas e africanas na cidade de São Paulo no começo do século XIX. Para nós, é a coexistência da Cerâmica Paulista com outras produções e, certamente, a relação entre as pessoas que as produziam. Essas classificações raciais dos censos precisam ser problematizadas e revisadas com informações de outras fontes, indo para além da mera estatística e da arbitrariedade das concepções políticas para classificar as pessoas (RUBERTONE, 2020). Afinal, quem eram essas pessoas estereotipadas como “mulatas”, “indígenas” e “brancas”?

De fato, não sabemos ainda quem eram aqueles “índios”. Uma parte deles pertenceria às gerações descendentes da aliança dos Tupiniquim com os portugueses. A outra, certamente, descendia de indígenas escravizados nos séculos XVI e XVII e das relações com outros europeus, africanos e habitantes de outras partes do Brasil. O fato é que podemos assumir com segurança que as suas interações nem sempre deixaram traços visíveis de convivência na materialidade, mas os relatos históricos deixam muitas pistas sobre suas relações sociais.

Agradecimentos: À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP): processos 2019/17868-0 e 2019/18664-7. À Fundação para a Ciência e a Tecnologia (bolsa DFA/BD/5745/2020). Ao apoio do UNIARQ, da Universidade de Lisboa. Às editoras da *Habitus*, Sibeli Aparecida Viana e Marlene Ossami de Moura, por acolher a proposta do dossiê. Agradecimento especial a Carolina Guedes pelas reconstruções digitais das vasilhas e a(o)s autora(e)s das imagens utilizadas. A Carmelita Moraes, pela autorização do uso das fotos de Plácido de Campos Júnior. A Henrique Morato Stulbach, pela autorização do uso das fotos de Roman Bernard Stulbach. Aos amigos Ângelo Alves Corrêa, Ângela Buarque, Agda Sardinha, Ana Suely Cabral, Lúcio Menezes Ferreira, Plácido Cali, Steve Silliman, Mercedes Okumura, Tânia Casimiro, Marisa Afonso, Astolfo Araujo, Luís Symanski, Marcos André T. de Souza, Sílvio Araújo, Andrea Pedro, Hyrma Ioris, Suzana Munsberg, Amanda Magrini, Mayy Koffler e Patrícia Lira. As seguintes instituições pela cortesia de franquear seus acervos para a pesquisa e divulgação acadêmica das imagens: Museu Histórico de Peruíbe; Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS; Museu Ferroviário de Sorocaba; Museu Histórico Casa de Jundiá; Museu Casa do Barão, São Vicente; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; Museu do Homem de Sambaqui de Joinville; Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo (MIS-SP); Museu Histórico de Itapeva; Museu de Ribeirão Grande. Aos pareceristas anônimos da *Habitus*, pelas excelentes revisões e sugestões.

TO COOK...: THE POTS OF PAULISTAWARE

Abstract: *The Paulistaware was produced and preserved by women for ve centuries, as a significant option for transmitting knowledge and autonomy. It is a manifestation created and transformed by women who connected knowledge and ontologies from different times and places. The elements for its definition are presented, applying some fundamentals of the method developed by José Brochado to investigate morphology and function, in order to establish metric parameters for graphical reconstruction of the profile from fragments of ceramic vessels. The attributes of 71 pots were analyzed, including whole and semi-whole pieces, as well as published photos, drawings and sketches. The conclusion is that most of the pots found in southeastern São Paulo and northeast Paraná are not copies, but indeed morphological variations of a restricted ellipsoidal shape. Both the morphology and surface treatments suggest that São Paulo Ceramic resulted from the appropriation and transformation of common portuguese ceramic technologies by the Tupiniquim women and, later, by other people, continuously articulating elements and giving new meaning to their practices, which allowed their persistence to present days.*

Keywords: *Pottery. Indigenous. Ceramicists. Colonial. Persistence. Archaeology. Graphic reconstruction.*

Referências

AMARAL, A. *O Dialeto Caipira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANCHIETA, J. de. *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz, 1595.

ARAUJO, S. *Conhecer para preservar: arqueologia e inclusão social na bacia do Paranapanema superior*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

BELTRAME, M. et al. Comparative pottery technology between the Middle Ages and Modern times (Santarém, Portugal). *Archaeological and Anthropological Sciences*, v. 12, n. 130, 2020.

BLUTEAU, R. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BRAGDON, K. The Pragmatics of Language Learning: Graphic Pluralism on Martha's Vineyard, 1660-1720. *Ethnohistory*, v. 57, n. 1, 2010.

BROCHADO, J. *Alimentação na Floresta Tropical*. Porto Alegre: IFCH-UFRGS, 1977.

BROCHADO, J. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *Clio, Revista de Pesquisa Histórica*, v. 3, n. 1, 1980.

BROCHADO, J. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Urbana-Champaign: University of Illinois, 1984.

BROCHADO, J. What did the Tupinamba Cook in their Vessels? A Humble Contribution to Ethnographic Analogy. *Revista de Arqueologia*, v. 6, p. 40-88, 1991a.

- BROCHADO, J. Um modelo de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. *CLIO, Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro*, v. série arqu, n. 4, p. 85-88, 1991b.
- BROCHADO, J.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-Americanos - PUCRS*, p. 107-118, 1994.
- BROCHADO, J.; MONTICELLI, G.; NEUMANN, E. S. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas. *Véritas*, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.
- BUGALHÃO, J.; COELHO, I. *Cerâmica Moderna de Lisboa: proposta tipológica*. I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação. *Anais...Lisboa: Imprensa Municipal/Câmara Municipal*, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324797795_Ceramica_Moderna_de_Lisboa_proposta_tipologica. Acesso em: 15 maio 2020.
- CABRAL, A. S. et al. A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall'igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados. *DELTA*, v. 30, p. 513-542, 2014.
- CALI, P. *Plano de Manejo das Unidades de Conservação do Mosaico Juréia-Itatins. Parte I: Diagnóstico do Patrimônio Cultural*. Campinas: [s.n.].
- CALI, P. *Programa de monitoramento e gestão do patrimônio arqueológico nas áreas do sistema de sgotamento sanitário no bairro Ruínas, município de Peruíbe-SP*. São J. dos Campos:Gestão Arqueológica Consultoria: [s.n.].
- CALI, P. *Roteiros do Patrimônio Histórico e Arqueológico de Peruíbe*. São José dos Campos: [s.n.].
- CARDIM, F. *Tratado da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1937.
- CASIMIRO, T.; NEWSTEAD, S. 400 Years of water consumption: early modern pottery cups from Portugal. *Ophiussa*, v. 3, p. 145-154, 2019.
- CHMYZ, I. Arqueologia de Curitiba. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, v. 21, n. 105, p. 5-54, 1995.
- CHMYZ, I. et al. *Diagnóstico arqueológico, histórico e ambiental na área do sítio PR-TI-9: Fazenda Capão Alto, município de Castro, Estado do Paraná - Relatório final*. Curitiba: [s.n.].
- CIPOLLA, C. N. Peopling the Place, Placing the People: An Archaeology of Brothertown Discourse. *Ethnohistory*, v. 59, n. 1, p. 51-78, 2012.
- COMERLATO, F. *Análise Espacial das Armações Catarinenses e suas Estruturas Remanescentes: um estudo através da arqueologia histórica*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica - PUCRS, 1998.
- CORRÊA, Â. *Pindorama de mboia e iakaré*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.
- CORREIA, P. Carta ao P. Simão Rodrigues. São Vicente 10 de março de 1555. *Monumenta Brasiliæ*. [s.l: s.n.]. p. 433-448.
- CUNHA, M. DA C.; CASTRO, E. V. Vingança e temporalidade: os Tupinambá. *Journal de la Société des Américanistes*, v. 71, n. 1, p. 191-208, 1985.

- D'ABBEVILLE, C. *Histoire de la mission des pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines*. Paris: F. Huby, 1614.
- DÓRIA, C. A.; BASTOS, M. C. *A culinária caipira da Paulistânia*. São Paulo: Três Estrelas, 2018.
- DRING, K. S.; SILLIMAN, S. W.; GAMBRELL, N.; SEBASTIN, S.; SIDBERRY, R. S. Authoring and Authority in Eastern Pequot Community Heritage and Archaeology. *Journal of the World Archaeological Congress*, v. 15, n. 3, p. 352-370, 2019.
- FELD, S.; BASSO, K. Introduction. In: *In Senses of Place*. Santa Fe: School of American Research, 1996. p. 3-12.
- FERNANDES, I. *A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Minho: Universidade do Minho, 2012.
- FERNANDES, R. P.; BANDEIRA, D. R. A coleção etnográfica de cerâmicas caseiras de Guilherme Tiburtius – cultura material e história da região de Araucária (PR). *Revista Confluências Culturais*, v. 9, n. 1, p. 104-116, 2020.
- FERRARO, A. R. Alfabetização Rural no Brasil na Perspectiva das Relações Campo-Cidade e de Gênero. *Educação & Realidade*, v. 37, n. 3, p. 946-967, 2012.
- FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829*. Brasília: Senado Nacional, 2007.
- FOUCAULT, M. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, v. 84, n. 2, p. 35-63, 1990.
- GARCIA, E. F. O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional. *Tempo*, v. 12, n. 23, p. 23-38, 2007.
- GARCIA, R. *A entoação do dialeto caipira do Médio Tietê: reconhecimento, características e formação*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.
- GERNET, M. V.; BIRCKOLZ, C. J.; SANTOS, E. V. Arqueologia histórica na região da Ponta do Poço, município de Pontal do Paraná, Paraná: estudo de um sítio arqueológico por métodos não interventivos. *Caminhos de Geografia (UFU)*, v. 13, n. 75-88, 2012.
- GOLDMAN, M. Contradiscursos Afroindígenas sobre Mistura, Sincretismo e mestiçagem Estudos Etnográficos. *Revista de Antropologia da UFScar*, v. 9, n. 2, p. 11-20, 2017.
- HAMILAKIS, Y. *Archaeology and the Senses: Human Experience, Memory, and Affect*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- HAYES, K. Occulting the past. Conceptualizing forgetting in the history and archaeology of Sylvester Manor. *Archaeological Dialogues*, v. 18, n. 2, p. 197-221, 2011.
- HERBERTS, A. L.; LAVINA, R. Arqueologia de uma lixeira: o sítio arqueológico Rocio Grande II. In: *Patrimônio Cultural de São Francisco do Sul a partir da pesquisa em Arqueologia Histórica*. Editora UN ed. Joinville: [s.n.]. p. 122-144.
- HORA, J. et al. Unveiling Regional Archaeological Heritage, Historical Archaeology at Vale do Ribeira: The Case of Sobrado dos Toledos, Iguape-São Paulo. *International Journal of Historical Archaeology*, 2020.

- JOYCE, R.; LOPIPARO, J. PostScript: Doing Agency in Archaeology. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 2, n. 4, p. 365-374, 2005.
- KRONE, R. Informações ethnographicas do valle do rio Ribeira de Iguape. *Comissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo: Exploração do rio Ribeira de Iguape*, p. 23-24, 1908.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- LAGROU, E. No caminho da miçanga: um mundo que se faz de contas. *Catalogo Museu do Índio (Rio de Janeiro, RJ)*, p. 10-15, 2016.
- LEITE, F. *A Língua Geral Paulista e o "Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira"*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013.
- LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. [s.l.: s.n.]. v. 1
- LEITE, S. Leonardo do Vale, autor do primeiro Vocabulário na Língua Brasileira. *A Gazeta, Autores & Livros*, v. 9, n. 11, p. 128, 1948.
- LEMLE, M. *Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family*. [s.l.] Institute of Linguistics Tupi Studies I, 1971.
- MAGNANI, C. et al. Panela de Barro, água de Batata, Linha de Embaúba: práticas xamânicas das mulheres tikmũ'ün-maxakali. *Cadernos de Campo*, v. 29, n. 1, p. 262-81, 2020.
- MAGRINI, A. *Lá no Alto, o barro é encantado: a cerâmica do Alto Vale do Ribeira - SP*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2019.
- MANFRINI, M., R. *Cacos fragmentados em uma sociedade conectada: produção e distribuição de cerâmica utilitária na São Paulo colonial*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2020.
- MATHIESON, L. C. O recenseamento escolar de 1920 na imprensa paulista: uma campanha cívica de combate ao analfabetismo. *Educação e Pesquisa*, v. 44, 2018.
- MATOS, M. *Organização e história dos Manxineru do alto rio Iaco*. [s.l.] Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- MENESES, A. de S. Carta ao Rei, pedindo-lhe que o provimento de párocos para as igrejas da Repartição do Sul recaísse em padres que soubessem a língua geral dos índios. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, n. 18, p. 354, 1914.
- MÉTRAUX, A. *La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1928.
- MONTERO, P. *Selvagens, civilizados, autênticos: a produção das diferenças nas etnografias salesianas (1920-1970)*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- MONTOYA, A. R. *Vocabulario de la lengua Guarani*. Asunción: CEPAG, 2002.
- MONTOYA, A. R. *Tesoro de la lengua Guarani*. Asunción: CEPAG, 2011.
- MORAIS, J. L.; PIEDADE, S. C.; MAXIMINO, E. P. B. Arqueologia da terra brasilis: o engenho São Jorge dos Erasmos, na capitania de São Vicente. *Revista de Arqueologia Americana*, v. 23, p. 349-384. 2004/2005.
- MROZOWSKI, S.; GOULD, R.; PEZZAROSSO, H. L. Rethinking Colonialism: Indigenous Innovation and Colonial Inevitability. *In: HAYES, C. N. C.; AND, K.*

- H. (ed.). *Rethinking Colonialism: Comparative Archaeological Approaches*. Gainesville: University Press of Florida, 2015. p. 121-142.
- MUNSBURG, S. E. R. *Dos seiscentos aos oitocentos: estudo da variabilidade estilística da cerâmica durante os processos de construção e reconfiguração das identidades paulistanas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.
- NOELLI, F. S. José Proenza Brochado: vida acadêmica e Arqueologia Tupi. In: PROUS, A.; LIMA, T. DE A. (eds.). *Os ceramistas Tupiguarani*. Belo Horizonte: Sigma/Sociedade de Arqueologia Brasileira/IPHAN, 2008. p. 17-47.
- NOELLI, F. S.; BROCHADO, J.; CORRÊA, Â. A linguagem da cerâmica Guaraní: sobre a persistência das práticas e materialidade (parte 1). *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, v. 10, n. 2, p. 167-200, 2018.
- NOELLI, F. S.; SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 25, n. 3, p. 701-742, 2019.
- NOELLI, Francisco. S.; SALLUM, Marianne. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de itinerância da cerâmica paulista. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 34, p. 132-153, 2020.
- OLIVEIRA, J. J. M. Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasília. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 25, p. 129-174, 1936.
- PANICH, L. M. *Narratives of Persistence Indigenous Negotiations of Colonialism in Alta and Baja California*. Tucson: The University of Arizona Press, 2020.
- PANICH, L. M.; ALLEN, R.; GALVAN, A. The Archaeology of Native American Persistence at Mission San José. *Journal of California and Great Basin Anthropology*, v. 38, n. 1, p. 11-29, 2018.
- PEREIRA, J. *A cerâmica popular da Bahia*. Salvador: Aguiar e Souza Ltda, 1957.
- PERRONE-MOISÉS, B. *Aldeados, aliados, inimigos e escravos: lugares dos índios na legislação portuguesa para o Brasil*. (Fundação C.Gulbenkian, Ed.) Luso-Brasileiro "Portugal-Brasil: memórias e imaginários. *Anais...* Lisboa: 1999.
- RICE, P. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.
- RIZVI, U. Archaeological Encounters: The Role of the Speculative in Decolonial Archaeology. *Journal of Contemporary Archaeology*, v. 6.1, p. 154-167, 2019.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. et al. *Paisagens Culturais da Baía de Santos*. São Paulo: Documento, 2016.
- RODRIGUES, A. R. A classificação do tronco lingüístico Tupí. *Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1/2, p. 99-104, 1964.
- RODRIGUES, A. R. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, v. 27-28, p. 33-53, 1985.
- RODRIGUES, A. R. As línguas gerais sul-americanas. *Papia – Revista brasileira de estudos do contato lingüístico*, v. 42, n. 2, p. 6-18, 1996.
- RODRIGUES, A. R. As vogais orais do Proto-Tupí. In: RODRIGUES, A.; CABRAL, A. S. A. (eds.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Universidade de Brasília, 2005. p. 35-46.

- RODRIGUES, A. R. As consoantes do Proto-Tupí. In: CABRAL, A. S. A.; RODRIGUES, A. (eds.). *Línguas e culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007. p. 167-203.
- RODRIGUES, A. R. Linguistic Reconstruction of Elements of Prehistoric Tupi Culture. In: CARLIN, E. B.; KERKE, S. Van da (eds.). *Linguistics and Archaeology in the Americas: The Historization of Language and Society*. Leiden: Brill, 2010. p. 1-10.
- RODRIGUES, A.; CABRAL, A. S. Tupían. In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (eds.). *The indigenous languages of South America*. Berlin\Boston: Mouton de Gruyter, 2012. p. 495-574.
- RODRIGUES, A. R.; CASPAR, F. *Esboço da Gramática da Língua Tupari*. Brasília: LALLI-IL-UnB, 2017.
- RODRIGUES, J. H. A vitória da língua portuguesa no Brasil colonial. *Humanidades*, v. 1, n. 4, p. 22-41, 1983.
- ROUSE, I. The Classification of Artifacts in Archaeology. *American Antiquity*, v. 25, n. 3, p. 313-23, 1960.
- RUBERTONE, P. E. *Native Providence: Memory, community, and survivance in the Northeast*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2020.
- SAINT-HILAIRE, A. *Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine*, Vol. 1. Paris: Arthus Bertrand Libraire-Éditeur, 1851.
- SALLUM, M. *Colonialismo e ocupação tupiniquim no litoral sul de São Paulo: uma história de persistência e prática cerâmica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.
- SALLUM, M.; NOELLI, F. S. A pleasurable job... Communities of women ceramicists and the long path of Paulistaware in São Paulo. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 61, 2021.
- SALLUM, M.; NOELLI, F. S. An Archaeology of Colonialism and the Persistence of Women Potters' Practices in Brazil: From Tupiniquim to Paulistaware. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 24, n. 3, p. 546-570, 2020.
- SHERIDAN, K. *A century of ceramics: a study of household practices on the Eastern Pequot reservation*. Dissertação (Mestrado) - University of Massachusetts, Boston, 2018.
- SCHEUER, H. L. *Estudo de um núcleo de cerâmica popular*. Curitiba: Arquivos do Museu Paranaense 1, 1967.
- SCHEUER, H. L. *Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976.
- SCHEUER, H. L. *A Tradição da Cerâmica Popular*. São Paulo: Escola de Folclore\ Editora Livramento, 1982.
- SILLIMAN, S. Change and Continuity, Practice and Memory: Native American persistence in colonial New England. *American Antiquity*, v. 74, n. 2, p. 211-230, 2009.
- SILLIMAN, S. Colonialism in Historical Archaeology. In: ORSER, C. E. et al. (eds.). *Handbook of Global Historical Archaeology*. London: The Routledge, 2020.
- SILVA, P. *A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade "germânica"*. [s.l.] UNIVILLE, 2017.

- STADEN, H. *Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der Wilden Nacketen, Grimmigen Menschfresser-Leuthen in der Newenwelt America gelegen*. Marburg: Andreas Kolbe, 1557.
- STAHL, A. B. "Route Work" through Alternative Archives: Reflections on Cross Disciplinary Practice. *South African Historical Journal*, v. 62, n. 2, p. 252-267, 2010.
- SZTUTMAN, R. *O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- TIBURTIUS, G. Altere Hauskeramik aus der Umgebung von Curitiba , Paraná , Südbrasilien. *Anthropos*, v. 63/64, n. 1/2, p. 49-74, 1968.
- VIEIRA, A. Voto sobre as dúvidas dos moradores de São Paulo acerca da administração dos índios. Salvador, 12 de julho de 1694. In: *Vozes saudosas...* Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1756. p. 141-166.
- VLB. *Vocabulário da Língua Brasileira V.2*. São Paulo: FFLCH/USP: [s.n.].
- VLB. *Vocabulário da Língua Brasileira V.1*. São Paulo: FFLCH/USP: [s.n.].
- WALDECK, G. De "luta do barro", "isso do barro", "nesse serviço" à cerâmica de Apiaí. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, v. 11, n. 1, p. 107-128, 2014.
- XAKRIABÁ, C. Amansar o giz. *Piseagrama*, n. 14, p. 110-117, 2020. <https://piseagrama.org/amansar-o-giz/>
- ZANETTINI, P. *Maloqueiros e seus Palácios de Barro: o Cotidiano Doméstico na Casa Bandeirista*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- ZANETTINI, P.; WICHERS, C. M. A cerâmica de produção local/ regional em São Paulo colonial. In: MORALES, W.; MOI, F. (eds.). *Cenários regionais em arqueologia brasileira*. São Paulo: Annablume, 2009. p. 311-334.
- ZEQUINI, A. *Arqueologia de uma fábrica de ferro: morro de Araçoiaba séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.